

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS**

Gabriel Lemes de Souza

ESTUDO PARA DESENVOLVIMENTO DE UM ROTEIRO CINEMATOGRÁFICO

Belo Horizonte
2015

Gabriel Lemes de Souza

ESTUDO PARA DESENVOLVIMENTO DE UM ROTEIRO CINEMATOGRÁFICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aquisição do grau de Bacharel em Artes Visuais, com habilitação em Cinema de Animação.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Conde de Resende

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais / Escola de Belas Artes
2015

Resumo

Esta monografia é resultado do estudo, proposta e concepção inicial de um filme de longa metragem ainda sem título. Tem como foco apresentar a compilação de materiais que darão origem ao roteiro cinematográfico, além de apontar um direcionamento para realização do filme.

Palavras-chave

Cinema, filme, longa metragem, animação, rotoscopia, roteiro cinematográfico.

Abstract

This monography is the result of research, proposal and initial conception of a feature film still untitled. It focuses on presenting the compilation of materials that will give rise to the screenplay, while pointing out a direction for the development of the movie.

Keywords

Cinema, movie, feature film, animation, rotoscoping, screenplay.

Lista de figuras

Figura 1: Cibele jovem.....	36
Figura 2: Cibele velha.....	37
Figura 3: Pedro.....	38
Figura 4: Elza.....	39
Figura 5: Elza/lara.....	40
Figura 6: O casarão da fazenda de Elza.....	44
Figura 7: O casarão da fazenda de Elza. Projeto.....	45
Figura 8: A fazenda de Elza.....	46
Figura 9: Fotografias de referência para concepção do cenário de "uma cidade não muito distante".....	47
Figura 10: Desenho e fotografias de referência para concepção do cenário de "uma cidade não muito distante".....	48
Figura 11: Fotografias de referência para concepção do cenário de lara.....	49
Figura 12: Fotografias de referência para concepção do cenário de lara.....	50
Figura 13: O bar/restaurante e casa de Cibele.....	51
Figura 14: O bar/restaurante e casa de Cibele. Projeto.....	52
Figura 15: Imagens do filme Valsa com Bashir.....	59
Figura 16: Imagens do filme O Mágico.....	59
Figura 17: Imagens do filme Tio Bonmee que Pode Recordas Suas Vidas Passadas.....	59
Figura 18: Imagens do filme Lavoura Arcaica.....	60
Figura 19: Imagens do filme Tzara.....	60

Sumário

Resumo.....	3
Palavras-chave.....	3
Abstract.....	3
Keywords.....	3
Introdução.....	6
Conceito.....	7
Tema de fundo.....	9
Sinopse.....	11
Argumento.....	11
Estrutura.....	15
Primeiro ato.....	17
Segundo ato.....	18
Terceiro ato.....	20
Abordagem.....	22
Mitologia e a história da fundação de Iara.....	23
Lembrança petrificada: fotografia e memória.....	27
Personagens.....	32
Cibele jovem.....	32
Cibele velha.....	32
Pedro.....	33
Elza.....	34
Elza/Iara.....	35
Cenários.....	41
Passado.....	41
A fazenda de Elza.....	41
“Uma cidade não muito distante”.....	42
Presente.....	42
A cidade de Iara.....	42
O bar/ restaurante de Cibele.....	43
Concepção da linguagem audiovisual.....	53

Referência de linguagem.....	56
<i>Valsa com Bashir</i>	56
<i>O Mágico</i>	56
<i>Tio Boonmee que Pode Recordar Suas Vidas Passadas</i>	56
<i>Lavoura Arcaica</i>	57
<i>Tzara</i>	58
Considerações finais.....	61
Referências bibliográficas.....	62
Recursos online.....	63
Filmografia.....	64

Introdução

Para se fazer um filme é preciso primeiro ter a ideia e só depois vem a ação. Esboçar muitas linhas para se chegar em algo que valha pena. Recorrer a temas que sejam valiosos num âmbito pessoal e de interesse. Procurar, pesquisar e refletir. Querer fazer um filme. Porém, por onde iniciar? Ora, tudo principia na vontade e no desejo. Quem sabe um dia termina.

Este trabalho começa com uma simples afirmação: quereremos fazer um filme. Talvez não seja tão simples quando percebemos o esforço que ela abarca. Por hora, discerniremos processos importantes para realização e não pretendemos ter um filme pronto, com tudo feito e já apropriado para exibição. Na verdade, nem chegaremos ao roteiro cinematográfico. Desejamos revelar um processo e termos um caminho, de certo modo, preparado para o início da escrita do roteiro e para confecção do filme. Dessa maneira, diante da demanda acadêmica da monografia, foi possível unir o “útil ao agradável”, fazendo-nos procurar algo que revelasse nossa produção e fosse veículo para o prolongamento dela.

Complementarmente, especificando este trabalho monográfico, teremos um conjunto de textos importantes para desenvolvimento da pré-produção filmica. Vale ressaltar, para início da pré-produção. Na primeira parte, falaremos sobre as características gerais que orientaram a decisão narrativa: o conceito e o tema de fundo. Na segunda parte, sobre a especificidade do que será tratado enquanto história: sinopse, argumento e estrutura. Num terceiro momento, dissertaremos acerca das abordagens na produção. Na quarta parte, especificaremos quais serão os personagens principais da trama e os cenários. Num momento seguinte, concentraremos na concepção da linguagem audiovisual, demonstrando como o diretor/autor compilará os apontamentos apresentados e falaremos de trabalhos análogos ao nosso. Fecharemos o trabalho com as considerações finais e referências.

Conceito

Inspiramos, mesmo que indiretamente, nas características geográficas e históricas da cidade de Cambuquira¹. Situada ao sul do estado de Minas Gerais, o município faz parte do Circuito das Águas, região conhecida por abrigar fontes de água hidromineral. Em um recorte mais específico, interessamo-nos historicamente por fatos decorridos no século XIX, quando nas terras, que mais tarde viria surgir a cidade, existia uma fazenda chamada Fazenda da Boa Vista. Pertencente a três irmãs solteiras que ali viviam, Francisca, Ana e Joana da Silva Goulart, o lugar, nessa época, já era conhecido por viajantes que iam em busca das águas hidrominerais.

Com a morte das irmãs, a Fazenda da Boa Vista acabou sendo dividida. Por testamento, a sede ficou em posse dos ex-escravos da fazenda, local que atualmente é ocupada pela área urbana e suburbana da cidade; o restante, em nome de dois fazendeiros locais, a saber, Manoel Martins Ribeiro e José Martins Ribeiro. No entanto, pouco tempo depois, a Câmara Municipal de Campanha (distrito limítrofe), sabendo da apropriação do terreno pelos ex-escravos e em decorrência de invasões contínuas de forasteiros, resolveu desapropriar a parte que cabia aos ex-escravos, fundando assim o arraial de Cambuquira. Não paga a soma prometida, os negros receberam terras no local chamado “Marimbeiro” (ainda dentro da área do município), aonde vivia, em proximidades e primitivamente, o Alferes José Antônio Rodrigues, cujo nome vinha acrescido de “Cambuquira”. Fala-se que José Antônio Rodrigues Cambuquira fora casado com uma irmã de Francisca, Ana e Joana. Sabemos, porém, que nem ele e nenhuma das três tiveram filhos. Assim, o nascimento de alguns futuros moradores da cidade se deu em decorrência da miscigenação entre forasteiros e antigos moradores, dentre eles, os negros ex-escravos, e os descendentes de Vicente da Silva Leme (irmão de Francisca, Ana e Joana) e os Martins Ribeiro.

¹ Em termos gerais, Cambuquira é caracterizada por serras, mata atlântica, clima tropical de altitude, cuja economia baseia-se, principalmente, na agricultura, pecuária e, em menor escala, no turismo. Atributo principal não só da cidade, mas também da região do Circuito das Águas, são as águas hidrominerais. A população é pequena, segundo o censo de 2010 é de 12.602 habitantes distribuídas entre zona rural e urbana, numa área de 246,380 km² e com densidade demográfica de 51,15 hab/km². Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=311070>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2015.

Do Tupi Guarani, *caà-ambyquira* significa:

“(...) CAMBI, como radical, significa leite, forquilha; CAMBU pode ser traduzido: mamar (...) CAMBUI, a árvore; viria de CAÀ-MBOY, planta cujas folhas se desprendem. CAÁ-MBOY (...) a cobra da árvore, a cobra do mato.

(...) CAMBI, CAMBIRA, CAMBUCAMBA, vocábulos que significam:- mamar, leite, seios, etc.

CAÀ significa:- folhas, plantas, ervas, vegetais, matos, mate, etc.

Registra ainda:- AMBI,- gemido, choro, queixa. E registra ainda:- AMBYQUIRA, de A-BY-QUI, grelado, brotado.

Admitido, pois, que o vocábulo seja formado de CAÀ-AMBY-QUIRA, fácil é encontrarmos o significado:- erva, mato, grelado, brotado.”²

A relação do autor com Cambuquira é muito próxima, pois lá é sua terra natal e foi o lugar que cresceu. Entretanto, é desejado reconstituir a história da fundação de uma cidade ficcional, que na nossa história irá se chamar Iara. Apesar da historicidade local ser irresistivelmente tentadora, tratamos a obra como uma ficção e não como um documentário. Os acontecimentos acima narrados serviram como subsídio para construção inicial da trama, realmente como um “pontapé”, do qual pegamos alguns elementos e recontextualizamos noutra roupagem.

“Poderiam os homens reestabelecer relações com suas terras natais? Evidentemente isso é impossível. As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas que esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmo e com a vida, é se 'recompor' em sua singularidade individual e coletiva.” (GUATARRI, 1992: 169-170)³

Propomos um filme de longa metragem, cuja temática dialoga com os *gêneros de drama e aventura*, que misturará técnicas de *animação* e de *live action*. Narraremos os dados que permeiam a fundação da cidade ficcional de Iara, reconstituída a partir

2 BRANDÃO, Thomé; BRANDÃO, Manoel. Cambuquira estância hidro-mineral e climática. Rio de Janeiro: IBGE. 1958.

3 GUATARRI, Felix. Restauração da cidade subjetiva. In: Caosmose, um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34. 1992.

de uma fotografia antiga, revelando a relação entre duas personagens. Uma delas é a narradora e a outra é quem vive as peripécias principais da história.

Tema de fundo

A memória, a lembrança e a rememoração servem como mediadoras para reconstituição das reminiscências de um passado. Tentamos traçar relações coerentes, entre tempo e espaço, para explicar como chegamos até determinado ponto. Porém, entre o particular e o coletivo, os desdobramentos temporais no espaço pela perspectiva da memória e da lembrança, sempre traduzem a relação particular de um sujeito com uma situação: é sua forma de entender aquela história que viveu e reconstituí-la pela sua maneira de encarar uma realidade/verdade; disto se constitui a rememoração.

Sinopse

Cibele é uma mulher velha, que sempre tem uma história diferente para contar e é uma das primeiras moradoras de lara, uma pequena cidade do interior do Brasil. Manuseando um livro, encontra uma fotografia antiga que remonta ao período da fundação da cidade. Cibele resolve contar a história da foto e os desdobramentos anteriores, quando era uma criança e conheceu Elza, proprietária das terras onde atualmente situa lara.

Argumento

Dias atuais: lara é uma cidade pequena do interior do Brasil, disposta entre serras, a paisagem é cercada por florestas e entrelaçada por cursos d'água. O perímetro urbano abriga uma fonte de água mineral, cujo tipo é muito peculiar, pois nasce das profundezas da terra já gaseificada, enriquecida com elementos químicos nobres. O lugar é pequeno e o número de habitantes não alcança a casa dos dez mil, sendo que quase todos se conhecem. Os moradores consomem a água da fonte e, em determinadas estações, alguns turistas vão até à cidade em busca da água e do poder curativo atribuído a elas.

Cibele vive em lara, ela está velha, não tem familiares e é dona de um pequeno bar/ restaurante. Foi uma das primeiras moradoras da cidade e é muito simpática. Todos a respeitam e sempre tem uma história diferente para contar, principalmente para as crianças e clientes de seu bar/ restaurante.

Folheando um de seus livros antigos, Cibele encontra uma fotografia velha, que cai bem dentro de uma jarra de água. Na foto, vemos em destaque uma garota de mãos dadas com uma mulher, que está abraçada com um homem e no fundo, uma casinha disposta num vale campestre. Cibele, assim, conta-nos a história daquela imagem. Ela é a menina que está no registro, tinha cerca de treze anos naquele período, por volta de setenta anos antes, e trata-se de uma fotografia do início da cidade de lara, quando era apenas uma fazenda.

Naquele tempo, as terras que dariam origem à lara, pertenciam a Elza, que é a mulher que está de mão dada com Cibele e que, naquele dia, partiu com seu companheiro Pedro, que é o homem que está abraçado com Elza. Nunca mais o

casal retornou ao local, mas Cibele, pelo contrário, nunca mais abandonou lara. Primeiro viveu com suas duas tias, até que faleceram e passou a morar sozinha. Foram as três que abriram o atual bar/ restaurante que Cibele ainda cuida.

Cibele conta que Elza não foi uma mulher comum. Fala que, ao se banhar na fonte da água da cidade, ela rejuvenesceu: de velha, ficou nova, literalmente trocou de pele e pôde viver duas vidas. Por fim, Cibele frisa que isso não é tudo sobre a história daquela fotografia.

Isso foi antes, quando Elza ainda era velha e vivia sozinha naquela fazenda isolada, que daria origem, mais tarde, à atual lara. Fazia algum tempo que suas duas únicas irmãs morreram, sendo que nenhuma das três teve filhos ou se casou e não existe nenhum familiar. De companhia, existem apenas os animais domésticos, em especial, as vacas, das quais ordenha leite e produz doces manufaturados que, além de armazenar numa imensa quantidade, vende para algum eventual visitante. Raramente, um viajante ou outro passava por suas terras, procurando a fonte que, naquele período, já era conhecida, da qual ouviam falar por relatos de outros viajantes.

Elza começava a sentir dificuldade em executar as tarefas aparentemente simples da fazenda. Sabia que não lhe restava mais muito tempo de vida, ou melhor, não restava muito mais tempo no corpo velho, porém, àquela altura, nem imaginava que algo tão fantástico aconteceria com ela, pois poderia se tornar jovem novamente. Por hora, após sua morte, não haveria ninguém para quem deixar a fazenda, nem para lembrar dela e das irmãs e, possivelmente, passariam dias, talvez meses, até que alguma pessoa encontrasse seu corpo moribundo.

Foi nessa época que Elza conheceu Pedro. Certo dia, de passagem, visitou seu sítio, quando viajava para uma cidade não muito distante. Apesar de uma empatia muito grande ter surgido entre ambos, a diferença etária não possibilitou uma aproximação amorosa e nenhum dos dois imaginava o que o futuro traria. Eles passaram o dia juntos e, com aproximar do crepúsculo, Pedro foi embora e a velha voltou a ficar sozinha.

Curiosamente, alguns dias depois da visita, uma das vacas da fazenda ficou prenha e Elza começou, recorrentemente, a sonhar com as irmãs falecidas, com Pedro, até então um simples viajante que passou pela fazenda, e imaginar uma vida paralela, onde era casada e era mãe. Estes pensamentos se tornaram cada vez mais recorrentes e ela passou a ter um carinho especial pela vaca.

Algum tempo se passa, então, a vaca dá cria ao bezerro. Coincidetemente, pouco tempo depois, vaca e bezerro somem misteriosamente da fazenda. A velha Elza, que criara um carinho tão grande pelo animal, ficou inconsolável. Os sonhos que pareciam agradar à velha tornaram-se pesadelos.

Numa noite chuvosa, após vários sonhos ruins, resolveu sair, inconscientemente, em busca do animal e de sua cria, embrenhando pelo mato, numa noite de muita chuva, cujos trovões ecoavam sucessivamente. Sem perceber, após sofrer alguns incidentes decorrentes da noite impetuosa, chegou na fonte de água. Lá encontrou a vaca que, em vez de amamentar o bezerro recém-nascido, dava leite a uma estranha cobra cascavel. O filhote ainda estava vivo, porém muito magro e doente.

A velha Elza, inconformada, tentou golpear a cobra, numa tentativa impulsiva para tentar interromper aquela situação. Porém, inesperadamente, sente-se incapaz de realizar o feito. Ela recebe um olhar hipnotizador da cobra e se vê sem reação, tomada por uma espécie de fascínio momentâneo. Sente-se chamada pelo olhar da cobra, que guia a velha com seu movimento, levando-a até o local onde deságua a fonte de água mineral. Tudo se torna estonteantemente mágico e prazeroso. Ela se despe e deita no córrego que desemboca da fonte. É levada pelo correr da água, nua segue o fluxo chegando até um espelho brando, uma espécie de lagoa. A chuva cessa e surge uma noite estrelada, a lagoa reflete os céus e as estrelas. Naquela noite e naquele lugar, assim, torna-se jovem novamente, mas, antes de se dar conta do que lhe acontece, ela adormece.

Foi no dia seguinte, quando estava desacordada na beira da lagoa, que Cibele viu Elza pela primeira vez. Ela era jovem, com cerca de trinta e cinco anos e era uma mulher muito bonita. Infligida por uma espécie de amnésia, não conseguia se recordar de nada, nem de seu nome, da fazenda e de seu rejuvenescimento.

Cibele e suas tias tiveram sua antiga propriedade consumida pelas águas de uma enchente e viviam como ciganos, montando acampamentos provisórios por onde transitavam, até que expulsos eram obrigados a se mudarem. Sem casa, nem propriedade, viajavam com um pequeno grupo em direção a uma cidade aonde um assentamento estava sendo consolidado. Foi durante essa viagem que encontraram a jovem Elza. Como não se lembrava de nada, nem mesmo de seu nome, aquele pequeno grupo resolveu chamá-la de lara, em homenagem à sereia do folclore brasileiro, já que, além da beleza, foi encontrada à beira das águas. O atual nome da cidade deriva, como uma homenagem, desse “apelido” que recebeu. O grupo acolheu Elza/lara, que passou a viajar com eles, que, depois de alguns dias, chegaram na cidade de destino.

A festa da padroeira local acontecia, todos comemoravam no dia em que chegaram. Era uma cidade de porte médio, cuja economia era basicamente agrária e os proprietários da terra não viam com bons olhos a população do assentamento. Apesar de se estabelecerem no terreno, ataques violentos comumente aconteciam e os empregos eram escassos. Algumas pessoas se organizaram a fim de consolidarem o assentamento, porém, sempre sucediam mortes e represálias. Assim, Elza/lara, ainda sem se lembrar do passado, reencontrou Pedro, que auxiliava os assentados. Foi como se ainda não se conhecessem que se apaixonaram, ela não recordava de ter encontrado o homem, e ele não via na jovem mulher aquela velha da fazenda.

Apesar de quase selado o suceder dos fatos, alguns ainda resistiam no assentamento. Era iminente a derrota e o grupo se via perdido; mais uma vez iriam ter que procurar outro local para se estabelecerem. No entanto, o destino do grupo foi traçado por Elza/lara, que lembrou do seu passado e da fazenda que tinha. Resolveu com aquele pequeno grupo, que contava com Cibele e Pedro, irem para sua terra e lá estabelecerem uma comunidade, agora definitiva. Ninguém acreditou na história de lara, que, como num passe de mágica, se chamava Elza e tinha uma fazenda. Pedro, no entanto, parecia confiar na história da mulher e Cibele, pelo olhar de menina, não duvidava nem um pouco da narrativa.

Uma próspera comunidade se fundou na fazenda, novos abrigos foram edificados, uma pequena igreja foi levantada. Apesar de falar que se chamava Elza, todos continuaram a tratando como lara: heroína e fundadora da futura cidade. Lá, além de encontrarem uma terra para se estabelecerem, ainda havia uma fonte de água tão boa; assim, ninguém mais questionou a história da mulher. Com o tempo, novas pessoas se mudaram para lá e lara ficou grávida de Pedro.

Não faltava trabalho naquele tempo e, de fato, fazia-se urgente construir novos abrigos e caminhos, já que, mais e mais pessoas se mudavam para o local. Assim os meses se seguiram, como também a gravidez de lara que, prontamente, mesmo próximo do oitavo mês, ainda ajudava nas tarefas. Foi assim que, um dia, foi picada por uma cobra cascavel e abortou o bebê. Ela não falou nada durante dias, tanto porque estava enferma, quanto porque ficou muito triste. Depois, resolveu deixar a fazenda para o grupo e foi embora com Pedro, sem comentar nada sobre o que aconteceu. Foi no dia da partida que tiraram aquela foto com Cibele, que nunca mais teve notícias do casal.

Depois dos anos, quase todos morreram e a história da fundação da cidade foi sendo esquecida. Os que conheciam achavam que era uma invenção, uma narrativa que foi sendo aumentada com o tempo. Assim, Cibele termina de contar a história e, por fim, só resta aquela fotografia antiga, agora posta num porta-retratos novo.

Estrutura

Decupamos a história em *sequências chaves*, de modo a simplificar e traduzir o enredo. Podemos considerá-las como a estrutura principal da narrativa. Comparativamente, podemos falar, por exemplo, de uma edificação que contém pilares, vigas e lajes que são a sustentação, essencial para manter o prédio em pé; no entanto, ainda não existem as paredes, os revestimentos, os mobiliários interiores que dão vida e serão, efetivamente, os mais destacados no conjunto. Assim, descreveremos as *sequências estruturais*, ou chaves, sem ainda apresentarmos a dimensão viva do processo, que virá quando inter-relacionarmos a estrutura, com os personagens, os cenários e a construção das imagens e sons. Ao terminarmos este processo, teremos figurado a história completa do filme, a ser traduzida em forma de escaleta e roteiro. Portanto, apresentaremos a sucessão de

eventos, que poderão ou não serem modificados cronologicamente na escritura técnica fílmica.

A seguir apontaremos as *sequências chaves do enredo*, organizadas cronologicamente/temporalmente e não de acordo com a sugestão estrutural da narrativa, ou seja, os desdobramentos cênicos da história:

- Elza está velha e vive solitária na fazenda que dará origem à cidade de lara.
- Pedro, até então um desconhecido, visita a fazenda.
- Uma vaca da propriedade, que acabou de dar cria, some. Elza sai à procura do animal, magicamente rejuvenesce e sofre uma espécie de amnésia.
- O grupo, que conta com a presença da criança Cibele, encontra Elza, que passa a ser chamada de lara.
- O grupo se estabelece em um assentamento de desabrigados, numa cidade não muito distante.
- Pedro e Elza/lara se reencontram e se apaixonam, em meio às constantes repressões que o grupo sofre na cidade.
- Elza/lara relembra seu passado e volta para a fazenda, saindo da cidade, que se torna cada vez mais violenta.
- Elza/lara e o grupo se estabelecem na fazenda, ela fica grávida de Pedro e o local começa a se configurar como uma cidade.
- Elza/lara aborta o bebê, após ser picada por uma cobra.
- Elza/lara parte com Pedro e resolve deixar a fazenda para o grupo, que fundou a cidade de lara.
- Cibele está velha e vive sozinha em lara nos “dias atuais”.
- Cibele encontra a fotografia antiga, que foi tirada quando Elza deixou a fazenda para o grupo e partiu com Pedro.

- Cibele resolve contar a história da foto, reconstituindo os dados acerca da fundação de lara.

Pensamos organizar a história em razão inversa: dos “dias atuais” (o presente) para efetiva reconstituição do momento da foto (o passado), passando pelas situações vividas por Elza, pelo grupo, Cibele e Pedro, até a partida do casal, retornando, assim, para o dia em que a fotografia foi tirada. O fio condutor entre passado/presente é a fotografia encontrada por Cibele, que é a narradora onisciente dos fatos. Adiante, indicaremos as *sequências chaves* supracitadas com uma *estrutura sugestiva* dos desdobramentos cênicos, divididos em três atos. Dessa maneira, teremos configurada a trama da história, ou seja, como entrelaçaremos as sequências.

Primeiro ato

Cibele está velha e vive sozinha em lara nos “dias atuais”

Apresentaremos a cidade de lara e Cibele, que é velha e cuida sozinha de um bar/ restaurante, depois que suas duas tias faleceram. Mostramos que Cibele não tem familiares, mas todos na cidade a conhecem e a respeitam, ela é simpática e gosta de contar histórias, ficcionais ou não, para as crianças e clientes. lara é uma cidade interiorana que abriga uma fonte de água hidromineral.

Cibele encontra a fotografia antiga, que foi tirada quando Elza deixou a fazenda para o grupo e partiu com Pedro

Folheando um livro ela encontra a fotografia velha, porém, não sabemos quem está na imagem: vemos uma menina, uma mulher e um homem. Demonstraremos que a fotografia intriga Cibele, que não contará de imediato a história que permeia a foto.

Cibele resolve contar a história da foto, reconstituindo os dados acerca da fundação de lara

Sugerimos que Cibele reconstitua a história a partir de narrativa direta, falando diretamente para o espectador, para depois surgirem as imagens e sons daqueles tempos passados. A voz de Cibele trará dados simples, como a informação de que ela é a menina do registro que remonta a fundação de lara, há uns setenta anos.

Depois a própria fotografia ganhará vida e estaremos naquele período. Não abdicamos do *voice over* (voz da Cibele sobre a imagem), quando o registro deixar de estar inanimado.

Elza parte com Pedro e resolve deixar a fazenda para o grupo, que fundou a cidade de Iara

É mostrado o momento em que a fotografia foi tirada, antes da partida de Elza e Pedro. Aqui, propomos a volta da narração direta de Cibele, que conta que Elza rejuvenesceu e que vivia antes solitariamente na fazenda, quando velha: tudo a partir da oralidade, sem imagens demonstrativas, falando diretamente ao espectador.

Segundo ato

Elza está velha e vive solitária na fazenda que dará origem à cidade de Iara

Estamos num tempo passado, agora sem a narração de Cibele. Sabemos, por associação, que as imagens e sons retratam a história que está sendo contada por ela. Daqui em diante a trama será blocada cronologicamente e apresentaremos Elza quando velha. Entre os elementos que merecem destaque, denotaremos a solidão da velha na fazenda, que tem companhia apenas dos animais domésticos ou de algum viajante sazonal que vai à procura da fonte hidromineral. Demonstraremos que ela não tem familiares, depois que suas duas irmãs faleceram, e sua idade já é avançada, próxima a de Cibele nos “dias atuais”.

Pedro, até então um desconhecido, visita a fazenda

Elza e Pedro não se conhecem, ele está de passagem e visita a propriedade. Focamos na empatia que surge entre os dois, tanto que ele passa um dia inteiro no local. Falamos que ele está em viagem, caminhando para uma cidade não muito distante, aonde se reencontrarão posteriormente, quando Elza estará jovem com o grupo de desabrigados. Pedro vai embora ao aproximar do crepúsculo.

Numa perspectiva pouco naturalista, as imagens se direcionam aos pensamentos e sonhos da velha, ficando entre lembranças das suas irmãs mortas, Pedro e imaginações relacionadas ao matrimônio e maternidade. Paralelamente, uma das

vacas da fazenda dá cria. Construímos situações que demonstrem que Elza passa a ter um cuidado especial com o animal.

Uma vaca da propriedade, que acabou de dar cria, some. Elza sai à procura do animal, magicamente rejuvenesce e sofre uma espécie de amnésia

Com o sumiço do animal, a decupagem fica mais dinâmica, ainda com tom pouco natural. Em meio a sonhos/pesadelos, numa noite chuvosa, Elza sai em busca do bicho. Chega na fonte de água hidromineral da propriedade e se depara com a situação inusitada, envolvendo uma cobra, a vaca e o bezerro. Enquadramento das imagens ainda numa perspectiva pouco naturalista, ela rejuvenesce, adormecendo antes de se dar conta do que lhe ocorreu. Consideramos usar um *fade out* depois que a sequência cessar.

O grupo, que conta com a presença da criança Cibele, encontra Elza, que passa a ser chamada de lara

Depois da transição, as imagens/sons assumem uma forma mais naturalista. O grupo de desabrigados está em trânsito, caminhando até uma cidade não muito distante, quando encontra Elza. Ela está nova e não se lembra de nada, nem de seu nome, passando, assim, a ser chamada de lara. Mostramos a viagem do grupo até a cidade. Cibele criança reaparece e a intermediação entre Elza/lara com o grupo é feita principalmente por ela. As imagens/sons são mostradas pela perspectiva de Cibele, ou seja, pela visão de uma criança e, daqui em diante, pautaremos por aí a construção visual e sonora, até o fim da história.

O grupo se estabelece em um assentamento de desabrigados, numa cidade não muito distante

O grupo chega na cidade, a festa da padroeira local sucede e eles se estabelecem num assentamento. Lembremos que a construção audiovisual é direcionada pela visão da criança Cibele. No mais, salientamos que a população local não vê com bons olhos o grupo e violências são constantes.

Pedro e Elza/lara se reencontram e se apaixonam, em meio às constantes repressões que o grupo sofre na cidade

Pedro reaparece na história, por associação, sabemos que, quando passou pela fazenda, caminhava até a cidade do assentamento. Ele auxilia os desabrigados. Elza/lara e Pedro se apaixonam, como se ainda não se conhecessem, de maneira relativamente rápida. Mortes e represálias, contra o grupo, são cada vez mais comuns. Pedro passa a ter um carinho especial por Cibele, junto com Elza/lara, que já o demonstrava.

Elza/lara relembra seu passado e volta para a fazenda, saindo da cidade, que se torna cada vez mais violenta

Paralelamente, ao passo que o relacionamento com Pedro se aprofunda, Elza/lara lembra do seu passado. Ninguém acredita nela, com exceção de Pedro e Cibele. Todos migram para a fazenda. Pontuamos que é um grupo pequeno, são aqueles que ainda resistiam no assentamento, pois a vida no local se tornou insustentável.

Terceiro ato

Elza/lara e o grupo se estabelecem na fazenda, ela fica grávida de Pedro e o local começa a se configurar como uma cidade

A personagem engravidada, continua sendo chamada de lara e se torna uma espécie de heroína para aquelas pessoas. Mostramos a fazenda, que se torna próspera e se desenvolve em associação à gravidez de lara: outras pessoas vão para lá, a fim de estabelecerem moradia, novas ruas são abertas, casas edificadas e, paralelamente, a barriga de lara vai crescendo por causa da gravidez. Sugerimos uma decupagem dinâmica para este trecho, apesar do recorte temporal ser amplo, permeando desenvolvimento citadino com a gravidez da personagem.

Elza/lara aborta o bebê, após ser picada por uma cobra

Certo dia, Elza/lara é picada por uma cobra e aborta o bebê. A cobra é parecida com aquela que outrora encontrou, da mesma espécie pelo menos. No entanto, não é necessariamente a mesma. A interpretação fica a cargo do espectador. Enferma e triste, ela não se anima por nada.

Elza/lara parte com Pedro e resolve deixar a fazenda para o grupo, que fundou a cidade de lara

Ao se recuperar do aborto, resolve deixar a fazenda para o grupo e parte com Pedro. As cenas transcorrem de maneira semelhante àquelas mostradas quando Cibele iniciou a narração, voltando ao ponto em que a fotografia foi tirada. Com o ato fotográfico, a imagem se torna inanimada, ou seja, se congela como foto. Pensamos em utilizar o *voice over* de Cibele, a voz é da velha e não da menina, sobre as imagens: “depois dos anos, quase todos morreram e a história foi sendo esquecida, os que conhecem acham que é uma invenção ou uma narrativa que foi aumentada com o tempo”. Por fim, em um *zoom out* que surge depois do ato do registro (quando a imagem se torna a foto antiga), vemos a fotografia velha num porta-retratos novo. A história termina.

Abordagem

Trabalhamos com duas personagens principais: Elza e Cibele. As duas são mostradas em dois momentos etários, juventude e velhice. Cibele é a narradora filmica e é com Elza que as situações principais acontecem. Temos o paralelismo entre Cibele e Elza pelas duas tias falecidas e as duas irmãs mortas, o gênero feminino e a relação com a cidade de Iara.

A epopeia é uma proeza, um feito histórico notável que mereceu destaque, envolvendo algum herói/heroína. Em nossa narrativa, o épico começa quando Cibele reconstitui o passado, através da fotografia, e é demonstrada pela trajetória de Elza, culminando com a efetiva fundação da cidade. Portanto, Elza é como uma heroína épica, que não só foi responsável pela fundação de Iara, como, também, atingiu o rejuvenescimento. O feito “histórico” notável é o surgimento de Iara, que não envolve, somente, a criação da cidade, mas permeia o caminho que se inicia com Elza velha e termina quando deixa a fazenda para o grupo de desabrigados. Neste âmbito, encontramos similaridades com as narrativas mitológicas do que pode ser chamado como saga do herói e/ou heroína e que, em nosso caso, é vivida por Elza.

O lirismo é a exaltação de sentimentos, a profusão emocional da história. Substancialmente representado pelos protagonistas e coadjuvantes, é dimensionado quando adentramos em passagens da narrativa e consideramos a essência da construção dos personagens, diante a sucessão dos fatos da trama. Digamos, é o tom com o qual lidam com as situações do enredo, o embate entre a entrega/superação dos nossos personagens, os conflitos emocionais.

Em resumo, o lírico é o específico, intrinsecamente relacionado aos intérpretes de algo decorrido ou apresentado nos fragmentos narrativos. O épico é o geral, em nosso caso, como enquadrados os fatos que permeiam o surgimento de Iara. Portanto, buscamos construir as imagens/sons contextualizadas com estes objetivos. Abordaremos, por exemplo, o épico visando a vivência coletiva, iguais para todos os sujeitos, expressado mais por planos abertos. Já o lírico retratando o individual, particularidades de cada personagem, enquadrado mais pelos planos fechados.

É necessário falar que abordamos a história pelos olhos de Cibele, que presenciou parte do que se sucedeu (relacionada à lembrança dela). A lembrança/memória, sendo um fio tênué que amarra o passado ao presente, é intermediada pelo registro fotográfico. No entanto, ela retrata as experiências essencialmente vividas por Elza. Contudo, parte do que é narrado não foi visto por Cibele, ela não viu Elza quando velha e nem o rejuvenescimento. Assim, a história que ela conta não é necessariamente uma verdade ou, pelo menos, pode ter um fundo fantasioso: diremos, associando com as especificidades das narrativas mitológicas, que é uma retratação fantasiosa, de algo verdadeiro, configurada pelo contexto que é proferido.

Mitologia e a história da fundação de Iara

O mito é uma forma de alegoria, utilizada pelo homem desde os tempos primitivos, que explica o mundo e as características intrinsecamente importantes para sobrevivência e entendimento universal. Desde as sociedades mais antigas existem os mitos de fundação, ou seja, aqueles que falam sobre o surgimento de uma civilização, como determinadas pessoas se inseriram em determinados espaços, quais as histórias eram importantes de serem lembradas pelas gerações posteriores... Esses mitos são narrativas dotadas de poderes mágicos e subjetivos, em alguns casos, com forte presença de heróis, criaturas fantásticas e deuses. Também, aparentemente, têm uma grande capacidade de fixação em nosso subconsciente e servem de subsídio para explicarem coisas corriqueiras do mundo, que, numa primeira análise, não podiam ser traduzidas muito facilmente. Os mitos fornecem a um dado povo uma determinada identidade, exemplificada, principalmente a partir do rito, sua importância fundamental e, dessa maneira, continuam funcionando durante um período temporal indeterminado.

Mito fundador é por designação aquele “que explica a origem de um rito ou de uma cidade, um grupo, uma crença, uma filosofia, uma disciplina, uma ideia ou uma nação.”⁴ No caso da nossa história filmica, registrada textualmente na forma de argumento, não buscamos ao acaso imbricar semelhanças com narrativas mitológicas clássicas. Foi por poderes referenciados, cujos séculos estão aí para provar, que desejamos retratar a fundação da cidade a partir deste recorte. Essas

4 http://pt.wikipedia.org/wiki/Mito_fundador, pesquisado em 12/01/2015.

histórias já foram contadas durante grande parte da trajetória humana, portanto, são um universo fértil para referências e releituras. No mais, soam cabalmente correlacionadas ao subconsciente quando pensamos nos processos de surgimento de uma cidade, ou de um povo. Em nosso caso, o mito é utilizado para explicar a história fictícia da fundação da cidade de Iara, também ficcional. Paralelamente, tentamos concentrar na representação de Elza/Iara com o surgimento da cidade, ponderada pela narrativa da personagem de Cibele. Portanto, podemos considerar Elza como uma espécie de heroína mitológica, e o surgimento/criação da cidade está estreitamente relacionada à sua jornada.

Iara, em tempos remotos, era uma simples fazenda habitada por Elza. Ao ser chamada por forças sobrenaturais, do que poderia ser considerado o “chamado da aventura”, ela rejuvenesce e encontra o grupo de desabrigados, quando sua aventura tem início. Ao chegar na cidade, aonde o grupo se estabelecerá num assentamento, ela vivencia uma espécie de iniciação, um “caminho de provas” que ameaça Elza e as pessoas que estão com ela. Neste processo, sua função primária é lembrar do seu passado e retornar, a salvo, com o grupo para fazenda. O que desencadeia a lembrança é o reencontro com Pedro, que culmina numa relação amorosa e numa gravidez. Por fim, ocorre o retorno e Elza guia o grupo até suas terras e permite que lá se estabeleçam, partindo posteriormente com Pedro após abortar o bebê.

“Apenas o nascimento pode conquistar a morte – nascimento não da coisa antiga, mas de algo novo. Dentro do espírito e do organismo social deve haver – se pretendemos obter uma longa sobrevivência – uma contínua ‘recorrência de nascimento’ (palingenesia) destinada a anular as recorrências ininterruptas da morte.” (CAMPBELL, 2005: 26)⁵

Na primeira parte cronológica, não pela ordem estrutural do enredo, temos Elza vivendo sozinha na fazenda. Só lhe resta, literalmente, esperar a morte. Até que recebe a visita de Pedro. Assim se desdobrarão os fatos que levarão a personagem rejuvenescer, atravessar o limiar de uma espécie de morte e renascer como jovem. Como uma serpente, Elza está para trocar de pele, do corpo velho, para o corpo

⁵ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

novo, por isso é também uma cobra que a guia até a fonte: “Por a serpente tirar sua pele e sair do esconderijo da casca morta brilhante e fresca, ela é um símbolo universal da renovação, e a regeneração que pode conduzir para imortalidade”⁶. Portanto, depois de mergulhar nas águas da fonte, que saem das “profundezas da terra”, ou “do centro do mundo”, ela presencia o milagre da vivificação:

“As torrentes se precipitam a partir de uma fonte invisível. Seu ponto de entrada é o centro do círculo simbólico do universo, o Ponto Imóvel da lenda do Buda, em torno do qual, pode-se dizer, o mundo gira. Sob esse ponto, encontra-se a cabeça-suporte da terra- da serpente cósmica, o dragão, que simboliza as águas do abismo- a energia e a substância divinas, criadoras de vida, do demiurgo, o aspecto gerador do mundo do ser imortal.” (CAMPBELL, 2005: 44)

Ao atravessar os limites do natural, deparando com as forças sobrenaturais que levam Elza até o rejuvenescimento, ela atravessa o limiar do natural e atinge a esfera do fantástico. O seu antigo mundo vigente é deixado para trás e uma jornada se inicia, cujo auxílio vem da cobra, a guardiã do primeiro estágio da aventura. A vaca prenha é como um arauto que a faz caminhar e encontrar a serpente/fonte: primeiro sinal e anúncio da aventura que virá. Daí em diante, saberemos que nada mais será como antes, tanto pelo caráter fantástico da situação, quanto pela ocorrência inusitada, numa história, que até então, não apresentou tais acontecimentos.

“A fantasia é uma garantia - uma promessa de que a paz do Paraíso, conhecida pela primeira vez no interior do útero materno, não se perderá, de que ela suporta o presente e está no futuro e no passado (é tanto ômega quanto alfa) e de que, embora a onipotência possa parecer ameaçada pela passagem de limiares e pelos despertares da vida, o poder protetor está, para todo o sempre, presente ao santuário do coração, e até imanente aos elementos não familiares do mundo, ou apenas por trás deles. Basta saber e confiar, e os guardiães intemporais surgirão. Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se

⁶ [http://pt.wikipedia.org/wiki/Serpente_\(simbologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Serpente_(simbologia)), pesquisado em 14/01/2015.

desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. Mão Natureza, ela própria, dá apoio a prodigiosa tarefa. E, quando a ação do herói coincide com a ação para a qual sua própria sociedade está pronta, ele parece seguir o grande ritmo do processo histórico.” (CAMPBELL, 2005: 76)

Atravessando a “porta” aberta pela figura sobrenatural da cobra na fonte, tem início a aventura de Elza. Seu passado foi deixado para trás e tudo que virá a partir desse momento é novo, inclusive seu corpo e nome. Têm início os problemas que tanto Elza/lara, como Cibele, Pedro e o grupo terão de enfrentar. De imediato há a questão de se estabelecer num assentamento. Elza/lara enfrenta a amnésia. Em termos coletivos, é necessário Elza/lara se lembrar da fazenda e guiar o grupo até essas terras, para que lá possam se estabelecer em paz. Em termos individuais, ela encontra Pedro, que se tornará seu amante e auxiliará na recuperação da memória esquecida. Podemos falar que as questões mitológicas, abarcadas nessa parte da narrativa, instalaram-se nas relações entre indivíduo, grupo e paisagem.

Moisés, como Elza/lara, foi encontrado nas águas, retirado das águas e mais tarde guiou os judeus até a terra prometida. Elza/lara tem uma função semelhante na narrativa, só que em menor escala. Não atribuímos um valor sagrado às terras da fazenda. Nem a história aponta que foi Deus que indicou que deviam ir para lá. Salientamos, que apenas foram, simplesmente por ser o melhor caminho a ser tomado diante os problemas que vinham enfrentando.

Em praticamente todas as culturas “a paisagem, o lugar de morada, se torna um ícone, uma figura sagrada” (CAMPBELL, 1990: 104)⁷. Existem incontáveis rituais associados à terra/moradia, desde os mais antigos, que celebravam as épocas de colheita e plantio, até, mais aproximativamente, a festa de aniversário de uma cidade, do padroeiro local... A fazenda, a paisagem de lara naqueles tempos da fundação, pode também ser considerada um ambiente que, para aquele grupo específico, representa algo sagrado e, o encontro desse local, simboliza uma grande realização.

7 CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.

Os antecedentes que desencadeiam a ida para a fazenda são caóticos: repressão e violência vivida na cidade do assentamento. É comum, em basicamente todas histórias mitológicas que narram um êxodo, esses típicos acontecimentos: antes de Moisés guiar os judeus até a terra prometida, eles foram escravizados pelos egípcios. A mudança do grupo para fazenda, portanto, aparece como um acontecimento marcante na trama, pois não se deu a partir de uma situação corriqueira e banal, mas sim, de uma necessidade extrema. A terra, diante desses antecedentes, torna-se sagrada nas linguagens mitológicas históricas e em nossa trama filmica. O encontro da terra é o próprio mito, cuja aventura da heroína Elza/lara vem, nas palavras de Cibele, para explicar a origem mitológica (ou apenas histórica) da cidade de lara.

Com o desfecho, Elza e Pedro vão embora da propriedade, e o grupo fica responsável. Não sabemos como foi a vida da personagem depois disso e uma lacuna, sobre o futuro dela, é aberta. Podemos sugerir que nada confirma a existência “real” da fundadora da cidade, além da narração e da fotografia antiga de Cibele. Os próprios moradores duvidam da veracidade dos fatos, Cibele é a única testemunha e presenciou tudo enquanto ainda era apenas uma criança. Assim, não podemos acreditar, com veemência, se os fatos se deram daquela exata maneira ou se foi imaginação da menina Cibele. Ou, ainda, uma das histórias que ela costuma contar para as crianças da cidade e para os clientes do bar/ restaurante. Tudo se encerra, petrificado na foto. Só a “oralidade” pode confirmar a verdade: memória é imbrincada, a partir do mito, na forma de história narrada. A forma do mito termina, pois a própria mitologia é um jeito fantasioso de encarar uma verdade: e como encarrar uma verdade de maneira mais fantasiosa do que a partir de um olhar infantil?

Lembrança petrificada: fotografia e memória

“Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre

ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”
 (BENJAMIN, 1994, p.226)⁸

A emergência da memória é uma constante evidente na contemporaneidade e, pelo viés mais pontual, seria acerca do passado/presente a especificidade. Em nosso trabalho, o passado/presente vem pela memória de Cibele: petrificada na fotografia antiga. A foto é fio condutor da narrativa filmica e Cibele conta-nos os antecedentes. As situações subsequentes são “amarradas” pela lembrança da personagem sobre um passado distante, já deslocado daquele presente. Nesse sentido, a memória é materializada pela presença da foto. Em complemento, imagem (fotográfica) funciona como um auxiliar para lembrança, quase que em forma de documento, sobre os desdobramentos que virão posteriormente, como uma prova.

Sabemos, segundo os relatos de Cibele, que a fotografia remonta aos tempos primeiros da fundação de Iara. Portanto, seria possível dizer que tratamos de uma lembrança importante para toda a população da cidade. Por outro lado, os dados sobre a fundação foram esquecidos pela população atual e muitos duvidam da veracidade histórica, visto que muito tempo se passou. Além disso, Cibele é a narradora dos fatos. Seria, então, como se não tratássemos de uma memória coletiva, mas de uma memória particular da personagem. Cibele velha se olha nova no registro, rememorando o passado. A personagem em primeira pessoa, quando velha, resgata a memória sobre seu passado, em terceira pessoa, quando nova. Paralelamente, o registro e o cunho da narrativa servem como um documento histórico, quase como uma imagem de arquivo para posteridade da cidade de Iara. De um lado temos imaginação/idealização, de outro reconstrução/fato do passado: uma serve de maneira coletiva e a outra individual. Nos dois casos, o passado retorna para o presente. Porém, seria importante perguntarmos: a memória de

⁸ BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Cibele não seria sobre um passado idealizado? Lembramos, acrescentando, que sua lembrança da situação é pautada por uma visão infantilizada, já que, era apenas uma criança quando tudo aconteceu. Dessa maneira, temos uma memória difusa sobre o passado, que só pode ser confirmada pela narrativa e pela reconstrução baseada nas lembranças, vivificadas pela fotografia.

Podemos dizer que a narrativa é similar a uma autorrepresentação para Cibele, pois é a narradora dos fatos que também aconteceram com ela. Não existem outras vozes para confirmar tudo. Olhar a foto aproxima-se de uma atitude narcisística neste sentido e, a imagem fotográfica, funciona como um espelho, um reflexo, para Cibele. Seria como se reconstruísse um passado idealizado.

“Narciso vai, pois, à fonte secreta, no fundo dos bosques. Só ali ele sente que é naturalmente duplo; estende os braços, mergulha as mãos na direção de sua própria imagem, fala à sua própria voz. Eco não é uma ninfa distante. Ela vive na cavidade da fonte. Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele. Tem seu rosto. Ele não a ouve num grito. Ouve-a num murmúrio, como um murmúrio de sua voz sedutora, de sua voz de sedutor. Diante das águas, Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, a revelação de seus duplos poderes viris e femininos, a revelação, sobretudo, de sua realidade e de sua idealidade.”
 (BACHELARD, 1997: 25)⁹

Cibele olha a imagem cristalizada de seu passado, de uma juventude fossilizada, petrificada na fotografia: o reflexo de Narciso. Aliás, parafraseando o mito, existe a personagem complementar de Cibele que é Elza. Temos a memória de Cibele acerca da fotografia antiga, porém, o passado só vem para o presente porque existe a presença marcante de Elza: que sumiu e nunca mais voltou. Então, a lembrança petrificada na fotografia se transforma na memória acerca dessa personagem. Sem Elza não existiria a cidade. Ela aparece de forma antagônica: Elza rejuvenesceu, Cibele envelheceu. Se, para a segunda, o passado/juventude vem pela imagem petrificada da fotografia, para a primeira ela surge nas águas fluidas da fonte e, lembremos, que o reflexo na água é o espelho de Narciso.

⁹ BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

“Ó espelho!
 Água fria pelo tédio em teu caixilho gelada
 Quantas vezes e durante horas, desolada
 Dos sonhos e buscando minhas lembranças, que são
 Como folhas sob teu gelo no oco profundo,
 Em ti eu me vi como uma sombra distante,
 Mas, horror! Algumas noites, em tua severa fonte,
 De meu sonho esparso conheci a nudez!”¹⁰

O passado “ressuscitado” a partir da memória, não podemos deixar de dizer, pode ser associado ao espectro. É exatamente pela presença do passado, que se constrói num claro presente, que a memória se aproxima do espectral. O espetro é também, como ela, uma fração difusa de um todo que pode ser visualizado, como uma sombra, um fantasma, uma proposição construída a partir de uma ausência, um passado que passa a existir no presente, mas não completamente. Em nossa narrativa, Elza é o espectro: um fantasma, um ausente presente, um passado que retorna. É uma figura fantástica que, além de heroína, também conseguiu atingir os prodígios do rejuvenescimento. No entanto, aparece paralelamente de forma fantasmagórica, como o fantasma antagônico de Cibele. Elza teve a vida que Cibele não teve, depois que suas duas irmãs morreram, ela rejuvenesceu e encontrou Pedro e apaixonou-se. Cibele, pelo contrário, nunca mais saiu de lara e vive solitária, cuidando do bar/restaurante depois que as duas tias faleceram: diante sua lembrança existem as ruínas do passado, nas suas costas o voo ao futuro que logo cessará. Se o retorno à juventude significou amnésia para uma, para outra veio como rememoração. Contudo, a memória reconstitui os dados que permeiam a fundação de lara, mas também, outrora, foi a lembrança de Elza que desencadeou o retorno para fazenda e o consequente surgimento da cidade.

Quando temos a evidência do que deu “dentro” da foto, aquele “interior” torna-se denso e cheio, como se a fotografia não importasse, mas aquilo que a preenchia sim. Entretanto, tudo agora fica cristalizado, petrificado pela evidência do registro. Memória e esquecimento tornam-se prerrogativas paralelas: como um constante jogo, a lembrança precisa ser rememorada para não ser esquecida e para se esquecer é preciso rememorar. Diante disso, lembrar de Elza rejuvenescida é como

10 Stéphane Mallarmé, *Hérodiade*.

refletir sobre a mortalidade e as coisas que morrerão, inclusive a história contada. Assim, a memória funciona também como esquecimento e pensar no fantasma, que existe no “interior” da foto, simboliza um gesto catártico e libertário. Como se Cibele estivesse se livrando daquela história para poder partir como/com a figura de Elza. Como uma fotografia antiga posta num porta-retratos novo.

“Quando se tem acesso a fontes orais fica claro que o narrador busca representar-se como um ser coerente no tempo e no espaço. A narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido. Racionalidade e irracionalidade, consciente e inconsciente, presente e passado, subjetivo e coletivo interagem na configuração que o indivíduo dá a si, aos fatos que viveu e que vai narrar, tendo como mediadora permanente a memória.”(SOUZA, 2002: 3)¹¹

Complementarmente, Cibele conta “oralmente” a história da foto. Portanto, podemos afirmar que tratamos de uma narrativa subjetiva, ao passo, que a reconstrução dos fatos se dá pela intermediação e intervenção direta da personagem. Assim, a partir da oralidade e da lembrança, ela reconstrói uma história que tenta explicar de maneira conexa a fundação de Iara. Porém, parte dos dados que são contados não foram presenciados diretamente por Cibele, fazendo-a se tornar onisciente. Ela não duvidou do passado de Elza, justamente por ser uma criança na época e, na verdade, ainda não duvida. De todo modo, se tratando ou não de uma fantasia, o que está em questão é a própria sucessão dos acontecimentos que darão “significado” para a imagem contida na fotografia e isso abre margem para invenção e imaginação. É a memória de Cibele que está sendo reconstruída, retratando a história da cidade de Iara e de Elza, pela perspectiva dela. Portanto, é como se ela também estivesse rejuvenescendo, mas de forma diferente da de Elza. A roupagem de seu rejuvenescimento vem pela lembrança e pela história que ela conta, subsequentemente revivificada num presente, a partir do momento que ela surge imanicamente e sonoramente.

¹¹ SOUZA, Carla Monteiro. Memória e oralidade: entre o individual e o social. Histórica, Porto Alegre, n. 6, 2002.

Personagens

Cibele jovem

Idade: 13 anos.

Perfil psicológico: sanguínea, simpática, imaginativa, sonhadora, extrovertida, otimista, agitada, impulsiva, ansiosa e fantasiosa.

Descrição: Sempre levou uma vida precária, o que lhe conferiu a habilidade de lidar criativamente e de modo otimista com as situações de dificuldade. Muito esperta, não se abala com facilidade. É sonhadora e imaginativa, adora ver o mundo à sua maneira, criando realidades mágicas e fantásticas em seu entorno imediato.

Quando Cibele conheceu Elza/lara ficou maravilhada pela mulher que não se lembrava de nada e havia sofrido uma espécie de amnésia, sempre estava muito próxima de Elza/lara e se tornaram amigas.

Biografia: Nasceu em 1924 em uma comunidade rural da cidade de Muriaé, localizada na Zona da Mata do estado Minas Gerais. Neta de ex-escravos e filha única de mãe negra com pai branco, tem origem pobre e viveu seus primeiros anos em uma região precária do distrito, às margens do Rio Muriaé. Não conheceu o pai, pois foi fruto de uma relação extraconjugal, e perdeu a mãe com apenas dois anos de idade, quando uma enchente do rio consumiu a propriedade e o casebre em que moravam. Criada por duas tias maternas, dos dois aos treze anos de idade, Cibele morou em diversos assentamentos. Foi alfabetizada, sabe ler e escrever, mas não frequentou escolas regulares, sendo que as próprias tias ensinaram o pouco que sabiam.

Cibele velha

Idade: 83 anos.

Perfil psicológico: sanguínea, simpática, imaginativa, sociável, trabalhadora, dinâmica, impulsiva, ansiosa e fantasiosa.

Descrição: Apesar da idade avançada, ainda demonstra vigor físico e mental, cuidando praticamente sozinha do bar/ restaurante. Tem um carinho especial pelas crianças e sempre tem uma bala ou um doce que oferece para todas, junto com

histórias que gosta de contar: seja um conto, uma fábula, uma lenda. Com clientes do bar/ restaurante gosta de conversar, contar piadas e falar sobre a cidade, algum morador específico... É muito fantasiosa em relação ao que acredita e no que fala, sendo que algumas pessoas acham que ela é mentirosa.

Biografia: Quando estava com aproximadamente 20 anos construiu, junto com as tias, uma pequena casa aonde, além de morarem, abriram um pequeno barzinho. Com o tempo, o bar foi ampliado e surgiu também um restaurante. Na década de oitenta as tias morreram e Cibele já havia passado dos cinquenta anos. Neste período, com condição financeira relativamente estável, passou a prestar auxílio às crianças mais necessitadas de Iara. Mantém esta prática até os dias atuais, já na segunda metade da década de 2000, quando completou 80 anos, e todos a respeitam por isso. Continua cuidando do bar/ restaurante até hoje, morando em uma casa anexa ao estabelecimento.

Pedro

Idade: 32 anos.

Perfil psicológico: melancólico, quieto, honesto, contemplativo, amoroso, distraído, sereno, leal, supersticioso e aventureiro.

Descrição: Pedro é dado às boas causas, acredita em um “mundo melhor” e gosta de coisas simples. Apesar de ser um homem de ciência, não é pragmático em relação às coisas do mundo e confia na razão metafísica. Gosta de ler e escrever, não é apegado aos bens materiais, no entanto, carrega consigo uma máquina fotográfica, algumas fotos, livros e diário, poucas roupas e uma mala com equipamentos simples, mas necessários para exercer a medicina.

Biografia: Nasceu em Santa Rita do Sapucaí/MG no ano de 1904, filho de imigrantes libaneses que se instalaram em São Paulo por volta de 1880 e se mudaram para a cidade Santa Rita do Sapucaí, na primeira década do século XX. De vendedores ambulantes a comerciantes, a partir da década de 1910, já tinham uma situação financeira boa. Pedro passou a infância na propriedade da família, até que em 1918 foi para Belo Horizonte e estudou no Colégio Arnaldo como interno. Aos 19 anos, ingressou no curso de medicina na Faculdade de Medicina de Minas Gerais,

formando-se em 1928. Admirador de literatura e artes, durante a faculdade comprou uma máquina fotográfica e tornou-se fotógrafo amador. Exerceu a profissão de médico na capital e, durante esse período, ficou noivo de uma moça de Belo Horizonte que, pouco tempo depois, morreu. Pedro, que ficou muito abalado com o ocorrido, deixou de exercer a profissão e retornou para Santa Rita do Sapucaí, onde atuou nos negócios da família.

Durante a Revolução Constitucionalista de 32, foi convocado para compor as forças revolucionárias mineiras e voltou a exercer a medicina. Com o fim dos conflitos, deixou o exército e se especializou em oftalmologia. Viajou como médico voluntário, auxiliando no tratamento de tracoma em regiões interioranas. Nessa época, se envolveu com causas populares, principalmente relacionadas com os sem-terra, e prestou serviços como clínico para essas pessoas. Entre outras coisas, auxiliava o grupo de desabrigados como médico e fazia fotos documentais para registro de forma amadora.

Elza

Idade: 78 anos.

Perfil psicológico: fleumática, comprehensiva, calma, passiva, amorosa, desatenta, preocupada e metódica.

Descrição: Elza parece deslocada na paisagem da fazenda, é uma velha frágil e demonstra dificuldade em se locomover. Contudo, sempre é solícita quando alguém vai até suas terras e faz de tudo para que seja bem recebido. Entre outras coisas, faz questão de mostrar a fonte d'água e oferecer doce de leite caseiro. Em decorrência da falta de companhia, tem grande afeto pelos animais domésticos e em especial pelo gado.

Biografia: Nasceu no ano de 1859 em Minas Gerais, na mesma fazenda que deu origem à cidade de Iara. Descendente de famílias antigas enraizadas no Brasil, seu pai era cafeicultor e estabeleceu na propriedade um cultivo próspero: foi um grande exportador do produto e figura influente na política da época. Seu avô materno também era agricultor e sua mãe herdou terras. Os dois tiveram, além de Elza, duas filhas um pouco mais velhas. As três irmãs levaram uma vida abastada, sempre

viamjavam e tiveram educação privilegiada. Depois da morte do pai passaram a administrar as terras e, naquela data, a riqueza era imensa: propriedades, empregados e lavoura. Entretanto, com a crise de 1929, viram sua fortuna acabar e restou apenas a fazenda. Então, a partir dessa data, passaram a utilizar as terras somente para fins de subsistência. Antes de 1935, as duas irmãs de Elza morreram e a situação piorou ainda mais. A morte, quase que consecutiva das duas companheiras, abalou muito Elza. Posteriormente, buscando forças no corpo cansado de velha, não se entregou e continuou tocando a fazenda. Conseguiu manter um pouco da criação e do plantio, porém já começava a apresentar sinais de fraqueza decorrentes da idade avançada.

Elza/lara

Idade: 35 anos.

Perfil psicológico: fleumática, compreensiva, calma, passiva, amorosa, desatenta, preocupada e metódica.

Descrição: É uma mulher muito bonita e a personalidade da moça é igual à da idosa. Apesar de jovem, ainda assim demonstra traços de uma velha: sobressai o costume de cochilar facilmente e a atenção que dedica à Cibele, que é quase de uma avó. Mesmo assolada por uma espécie de amnésia, não demonstra demasiada preocupação, pois encontra distração no grupo de desabrigados e em especial com Cibele. O reencontro com Pedro demarca o início da recuperação da memória.

Biografia: A biografia de Elza/lara é a mesma de Elza.

Cibele jovem

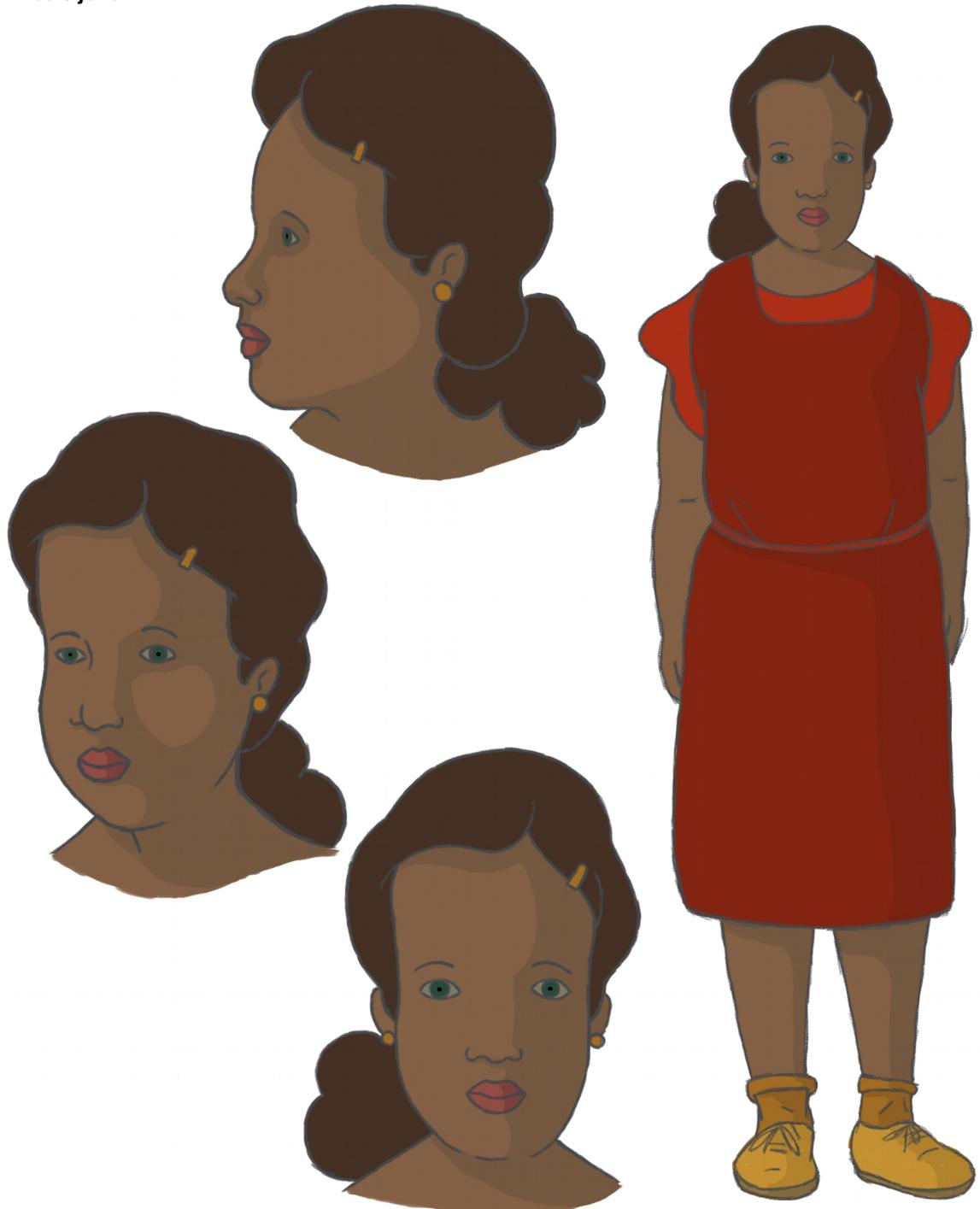


Imagen 01: *Cibele jovem*. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.

Figura 1: Cibele jovem.

Cibele velha

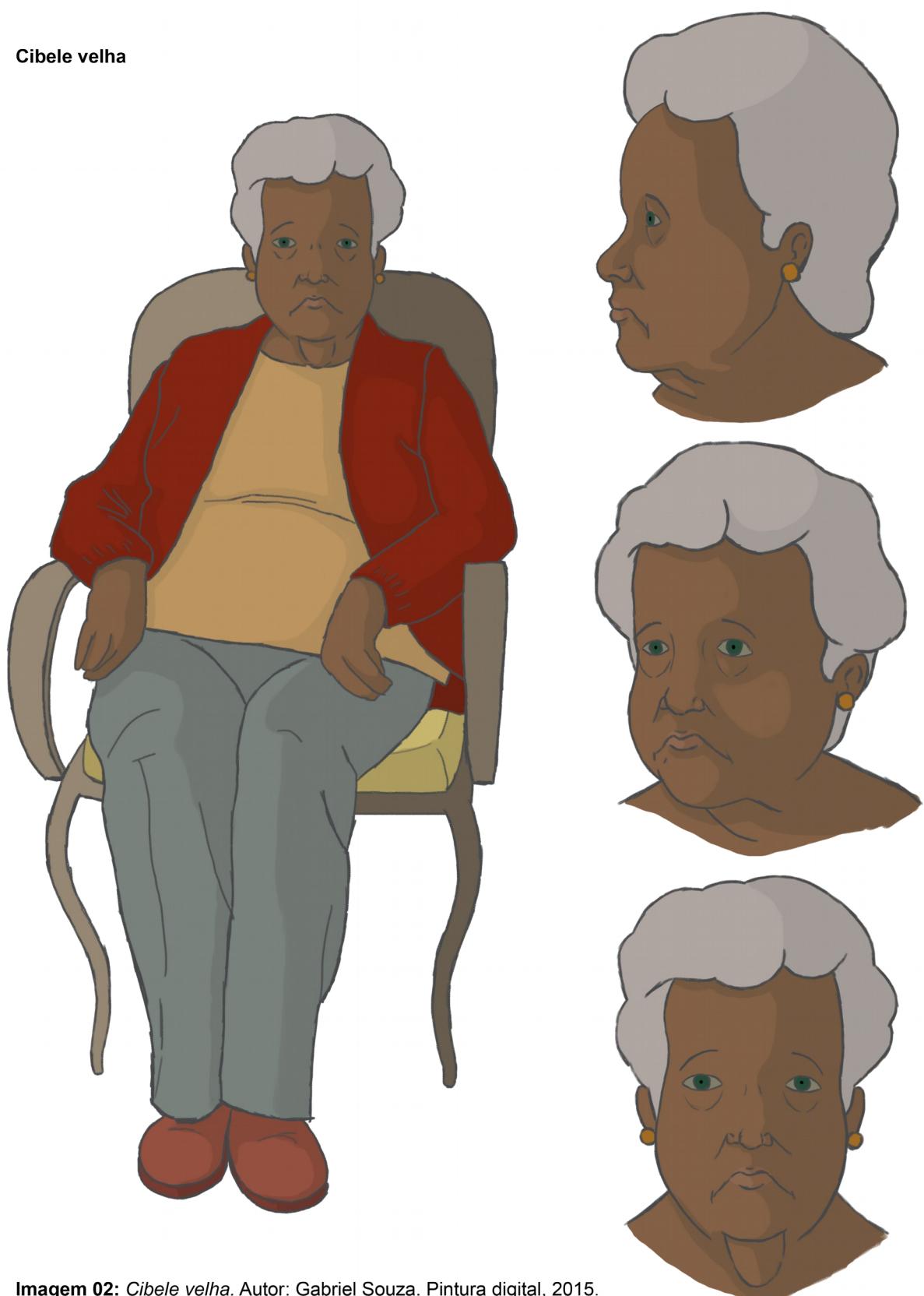


Imagen 02: *Cibele velha*. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.

Figura 2: *Cibele velha*.

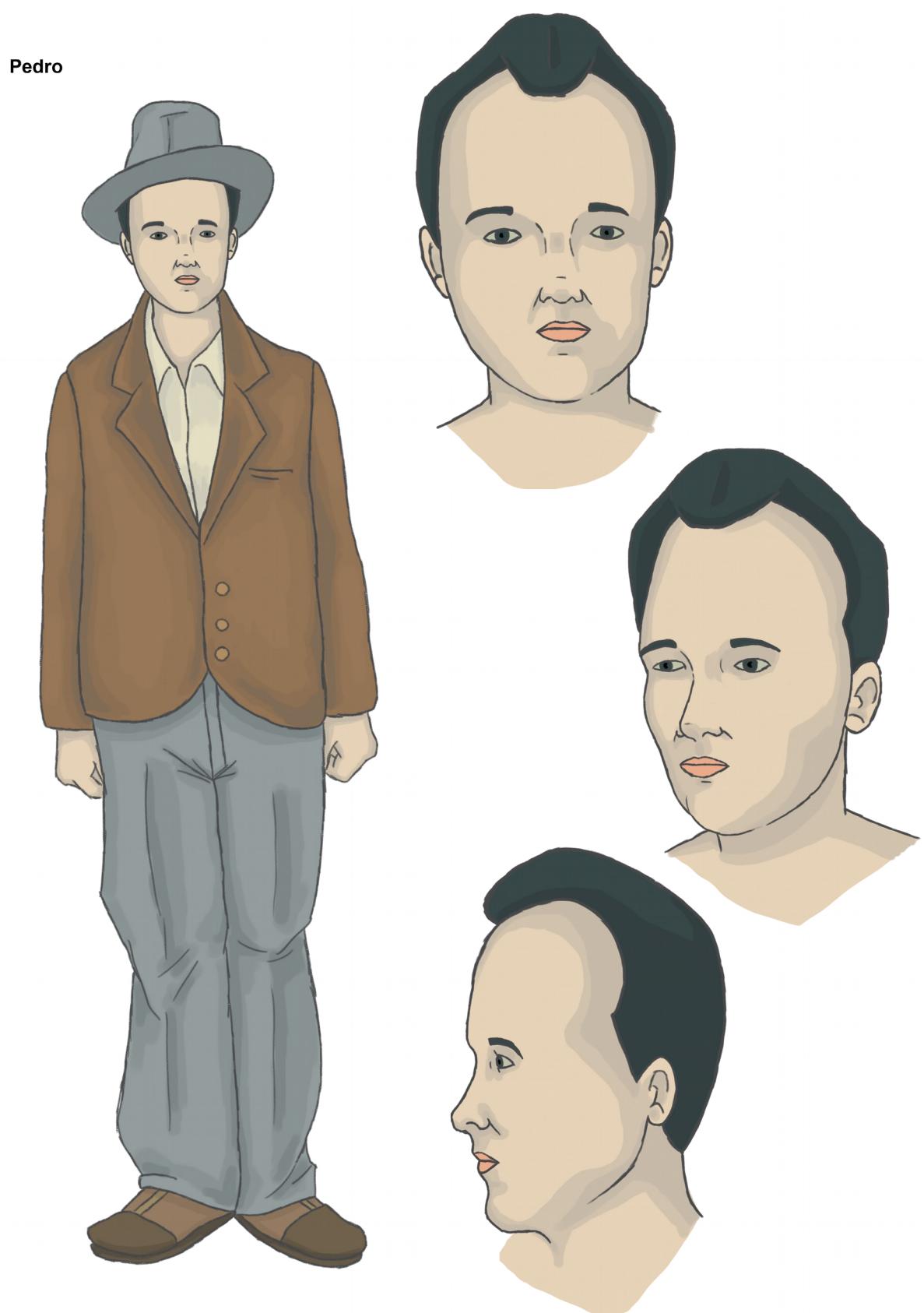


Imagen 03: *Pedro*. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.
Figura 3: Pedro.

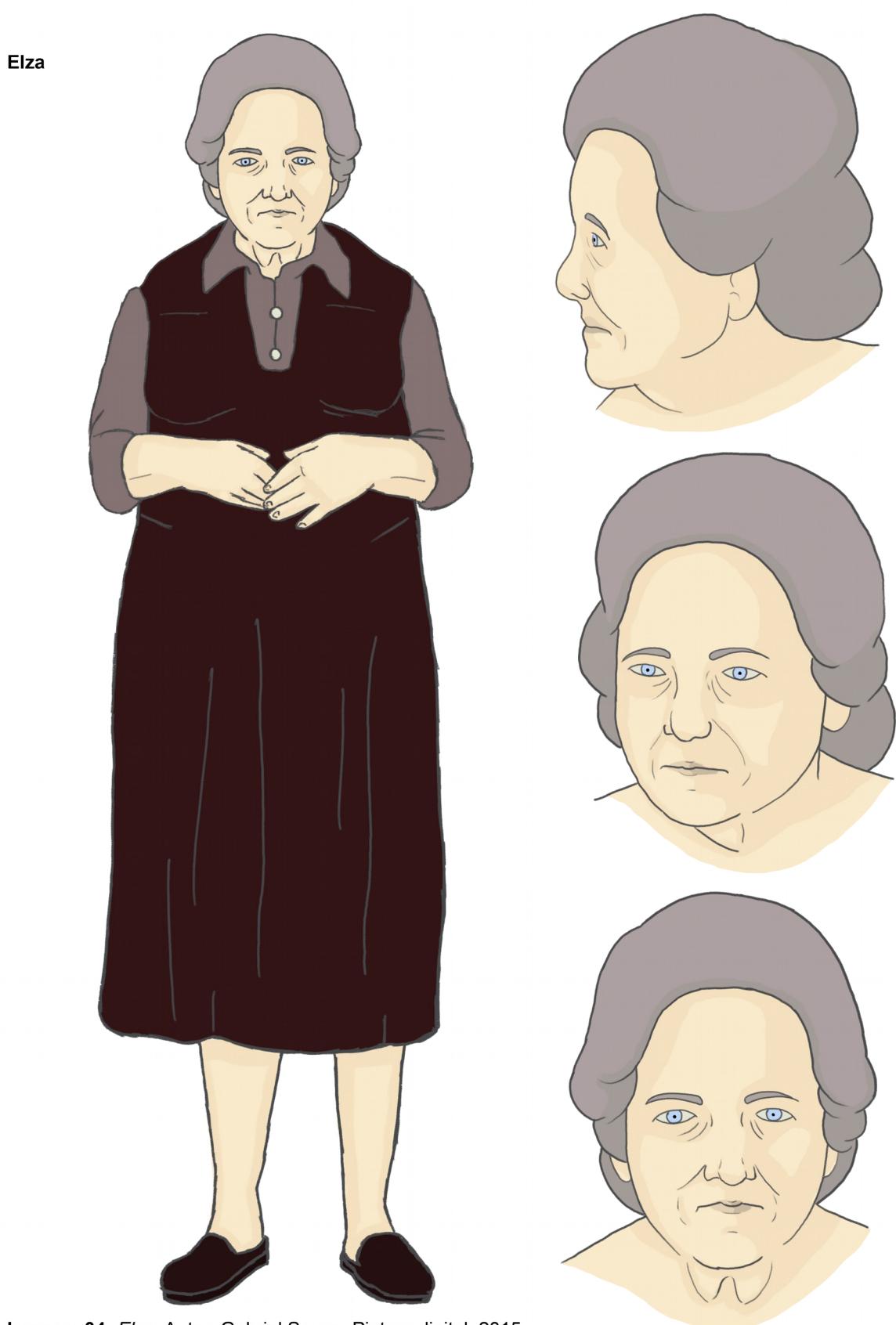


Imagen 04: *Elza*. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.
Figura 4: Elza.

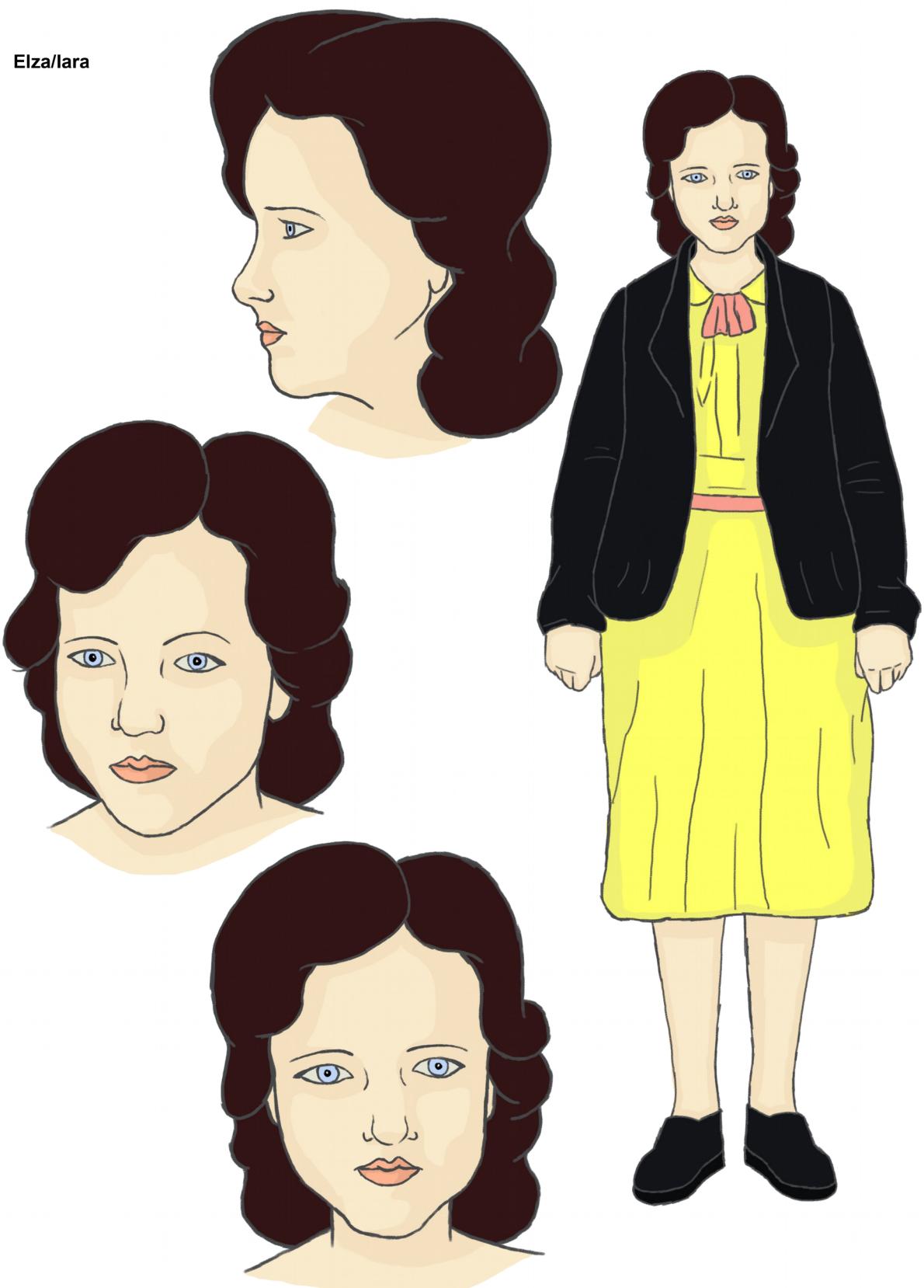


Imagen 05: *Elza/lara*. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.
Figura 5: *Elza/lara*.

Cenários

A paisagem é pontuada por dois períodos temporais: passado e presente. Portanto, descreveremos os cenários sobre os dois tempos. Contudo, mesmo no ambiente urbano, não existem passagens que acontecem em grandes centros e, como já salientamos, inspiramos em características da cidade sul mineira de Cambuquira. Não nos ateremos em reproduzir Cambuquira, mas utilizaremos como referência sempre que necessário, principalmente como construção imagética. Assim sendo, Iara é um local a parte, que existe apenas no âmbito ficcional e é inspirada em uma cidade real.

Retratamos um passado que ocorre por volta da segunda metade da década de 30 e trabalhamos com dois cenários principais: “uma cidade não muito distante” e Iara, quando era apenas a fazenda de Elza. O presente, por volta da segunda metade da década de 2000, já é em Iara como cidade e em destaque temos passagens no bar/ restaurante de Cibele. As referências de Cambuquira serão utilizadas principalmente neste tempo. No mais, temos o ambiente natural, e a sua aparência prevalece em proximidade àquelas existentes na região sul mineira: serras e vales, mata atlântica limítrofe ao cerrado, dentre outras tipicidades.

Passado

A fazenda de Elza

O casarão da fazenda fica situado num vale, cercado por um terreno mais acidentado. Nos fundos da casa, Elza mantém a horta, e próximo encontramos o curral. Na frente da casa existe o terreiro, que era usado para secagem dos grãos de café, e ao redor mantém-se três edificações abandonadas que serviram para armazenamento da safra. Geograficamente, não há cidades próximas, situando-se numa região de serras a cerca de 900 m do nível do mar. É cercada por florestas de mata atlântica, que já começou a invadir a área da antiga lavoura, de onde se desdobram, em proximidade da sede, alguns campos. Estradas de terra cruzam a fazenda e por lá, de vez em quando, passa algum viajante. Cursos d'água são comuns e existem, pelo menos, dois principais: um deles utilizado para abastecimento sanitário e outro onde deságua a fonte hidromineral. A fonte não fica próxima da sede da fazenda, localiza-se na parte mais baixa do terreno em uma

região de floresta, cujo acesso se dá por trilhas que desembocam numa área pantanosa da mata. Apesar do estimado valor daquelas águas, a bica é simples e o líquido pode ser obtido por um cano, feito com um bambu cortado ao meio. Acima e abaixo da bica existe um córrego pequeno.

“Uma cidade não muito distante”

É uma cidade antiga, fundada por volta de 1700 e de centralidade na microrregião. A economia é voltada principalmente para cafeicultura, mas vemos também o cultivo de cana-de-açúcar e cereais, criação de gado e de porcos. Na área urbana, passa uma linha férrea, responsável pelo transporte de passageiros e escoamento da produção, efetuando a conexão com os centros estaduais e nacionais. Os produtores rurais, por serem os detentores de recursos e propriedades, se configuram como influentes provedores de emprego e movimentadores econômicos da cidade. Contudo, a dominação coronelista não predomina e a política é diversificada, apesar de patriarcalista, apresentando lideranças de profissionais ligados à medicina, advocacia, comerciantes e produtores rurais.

A população é majoritariamente católica e o centro da cidade fica situado em volta da igreja matriz. O estilo arquitetônico predominante é o colonial e o traçado urbano é irregular, não planejado. A população da cidade é de aproximadamente de 16.000 habitantes. Geograficamente, está situada numa região de colinas circundada por extensas campinas, algumas delas desocupadas.

Presente

A cidade de Iara

Como Cambuquira, é caracterizada por serras e mata atlântica limítrofe ao cerrado. A economia baseia-se, principalmente, na agricultura, pecuária e, em menor escala, no turismo. Atributo principal da cidade é a água hidromineral e toda população consome a água do parque, sendo que é comum vermos pessoas passando carregando garrafas pets, que servem de recipientes para armazenamento. A população é pequena, de aproximadamente 10.000 mil habitantes, distribuídas entre zona rural e urbana. As zonas centrais são mais antigas, as periféricas decorreram de desenvolvimentos espontâneos da população. No topo do morro central, existe a igreja matriz e, nas intermediações, encontraremos os principais pontos da vida

social local. Podemos dizer que as relações pessoais se resumem em algumas poucas ruas. Conseguimos ainda falar que estão intrinsecamente associadas a um edifício existente: rua da igreja, do correio, da escola, da rodoviária...

Como muitas cidades interioranas, é um lugar onde todos se conhecem: os “olhos da rua”¹² que vigiam a casa do outro, que viu alguém saindo, que sabe que ciclano ou fulano de tal casa, mudou-se ou morreu. A maioria das ruas têm árvores e são em calçamento simples, em pé de moleque ou similar, poucas são asfaltadas. Não encontraremos edificações altas e temos muitas casas, geralmente precedidas por quintal com varanda e com janelas que se abrem para rua, aonde, por vezes, uma pessoa fica debruçada. Nalgumas fachadas, um comércio pequeno, tipo uma venda ou um barzinho. Na proximidade do comércio, um banco, com pessoas sentadas conversando.

O bar/restaurante de Cibele

O edifício fica localizado no centro da cidade, Cibele mora no pavimento superior e no térreo fica o bar/restaurante, é um ambiente simples e a área não é grande, o mobiliário é antigo e existem objetos decorativos variados, como quadros, vasos com plantas e quinquilharias. Nota-se que o bar/restaurante não é muito frequentado, inclusive ela não oferece almoço e faz apenas petiscos. Apesar disto, é um local que atrai turistas, por ser mais antigo e tradicional, em temporadas específicas. No restante do ano, poucos moradores costumam ir ao bar, a fim de tomar cerveja depois da jornada de trabalho. Cibele é muito receptiva e adora ficar conversando com seus clientes.

12 JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Casarão da fazenda de Elza



Imagen 06: Casarão da fazenda: fachada 01. Autor: Gabriel Souza. Aquarela s/ papel, 2015.



Imagen 07: Casarão da fazenda: fachada 02. Autor: Gabriel Souza. Nanquim s/ papel, 2015.



Imagen 08: Edificação de referência. Cambuquira. Autor: Gabriel Souza. Fotografia, 2015.



Imagen 09: Edificação de referência. Cambuquira. Autor: desconhecido. Fotografia, década de 1930. Fonte: arquivo pessoal de Rosa Maria Lemes.

Figura 6: O casarão da fazenda de Elza.

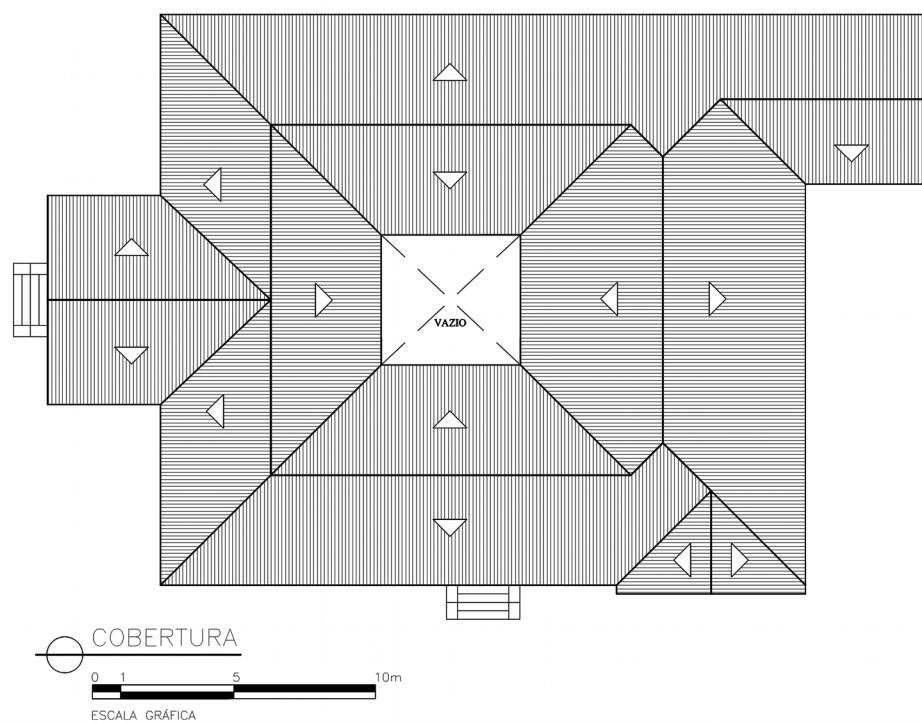
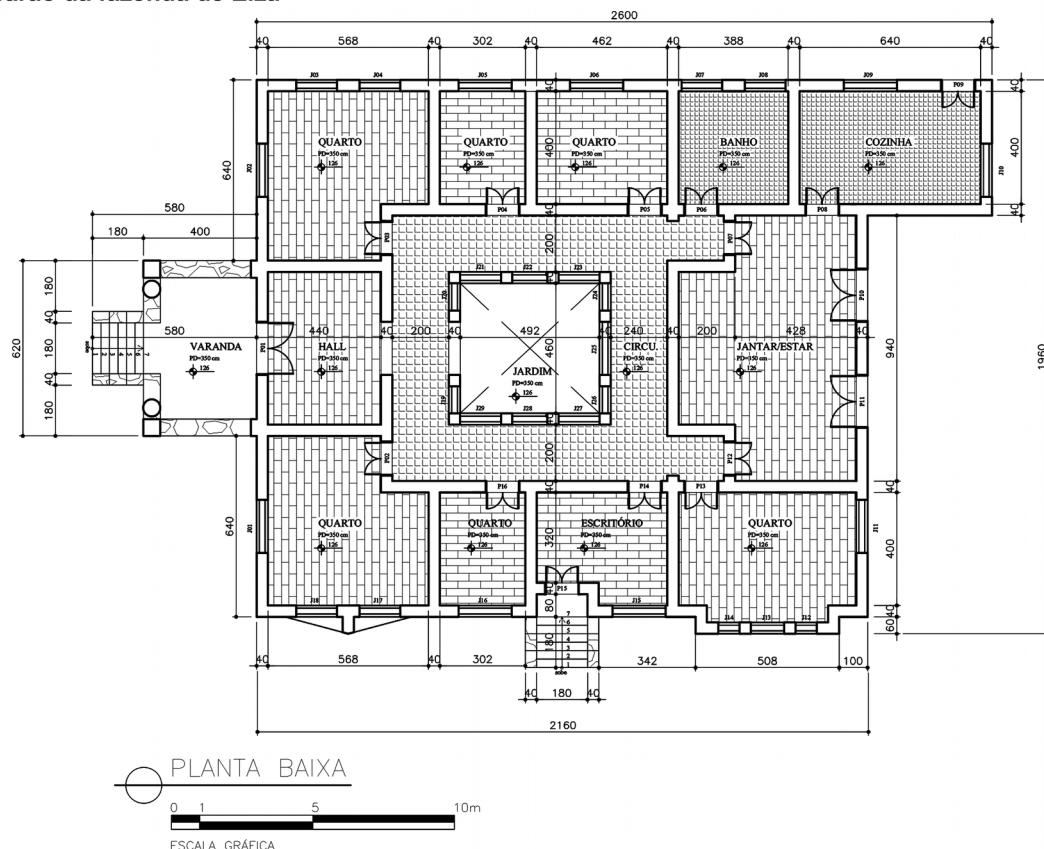
Casarão da fazenda de Elza


Imagen 10: Casarão da fazenda de Elza. Autor: Gabriel Souza. Projeto CAD, 2015.

Figura 7: O casarão da fazenda de Elza. Projeto.

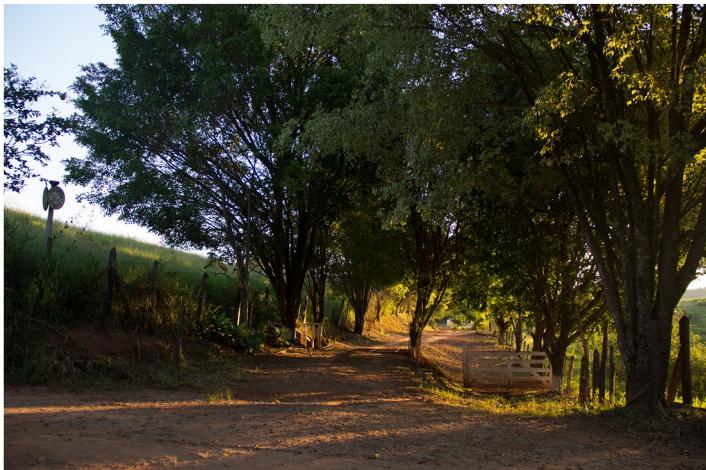
Fazenda de Elza

Imagen 11 e 12: Fotos de referência: paisagem. Cambuquira.
Autor: Marcelo Britto. Fotografia, 2015.



Imagen 14: A fonte.
Autor: Gabriel Souza.
Nanquim s/ papel, 2015.

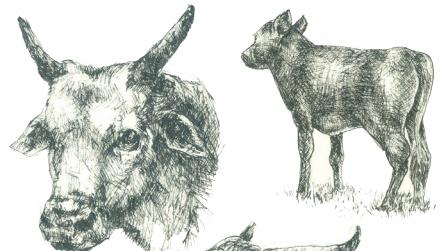


Imagen 13: Cafezal. Autor: Gabriel Souza. Aquarela s/ papel, 2015.

Imagen 15: Vaca e bezerro.
Autor: Gabriel Souza.
Nanquim s/ papel, 2015.

Figura 8: A fazenda de Elza.

Referências para “uma cidade não muito distante”

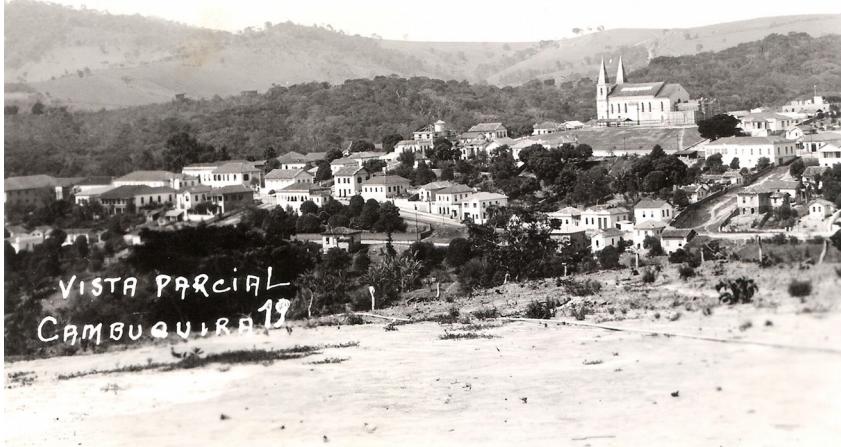


Imagem 16 e 17: Fotografias de referência. Cambuquira. Autor: desconhecido. Fotografias, primeira metade do século XX. Fonte: arquivo pessoal de Rosa Maria Lemes.



Imagem 18, 19 e 20:
Fotografias de referência.
Cambuquira.
Autor: Armindo Costa.
Fotografias, primeira metade
do século XX.
Fonte: arquivo pessoal de
Rosa Maria Lemes.

Figura 9: Fotografias de referência para concepção do cenário de "uma cidade não muito distante".

Referências para “uma cidade não muito distante”



Imagen 21: Estudo para edificação. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.



Imagen 22-26:
Fotografias
de referência.
Cambuquira.
Autor: desconhecido.
Fotografias, primeira
metade do século XX.
Fonte: arquivo
pessoal de Rosa
Maria Lemes.

Figura 10: Desenho e fotografias de referência para concepção do cenário de "uma cidade não muito distante".

A cidade de lara



Imagen 27, 28 e 29: Fotos de referência: panorâmicas. Cambuquira. Autor: Marcelo Britto. Fotografias, 2015.

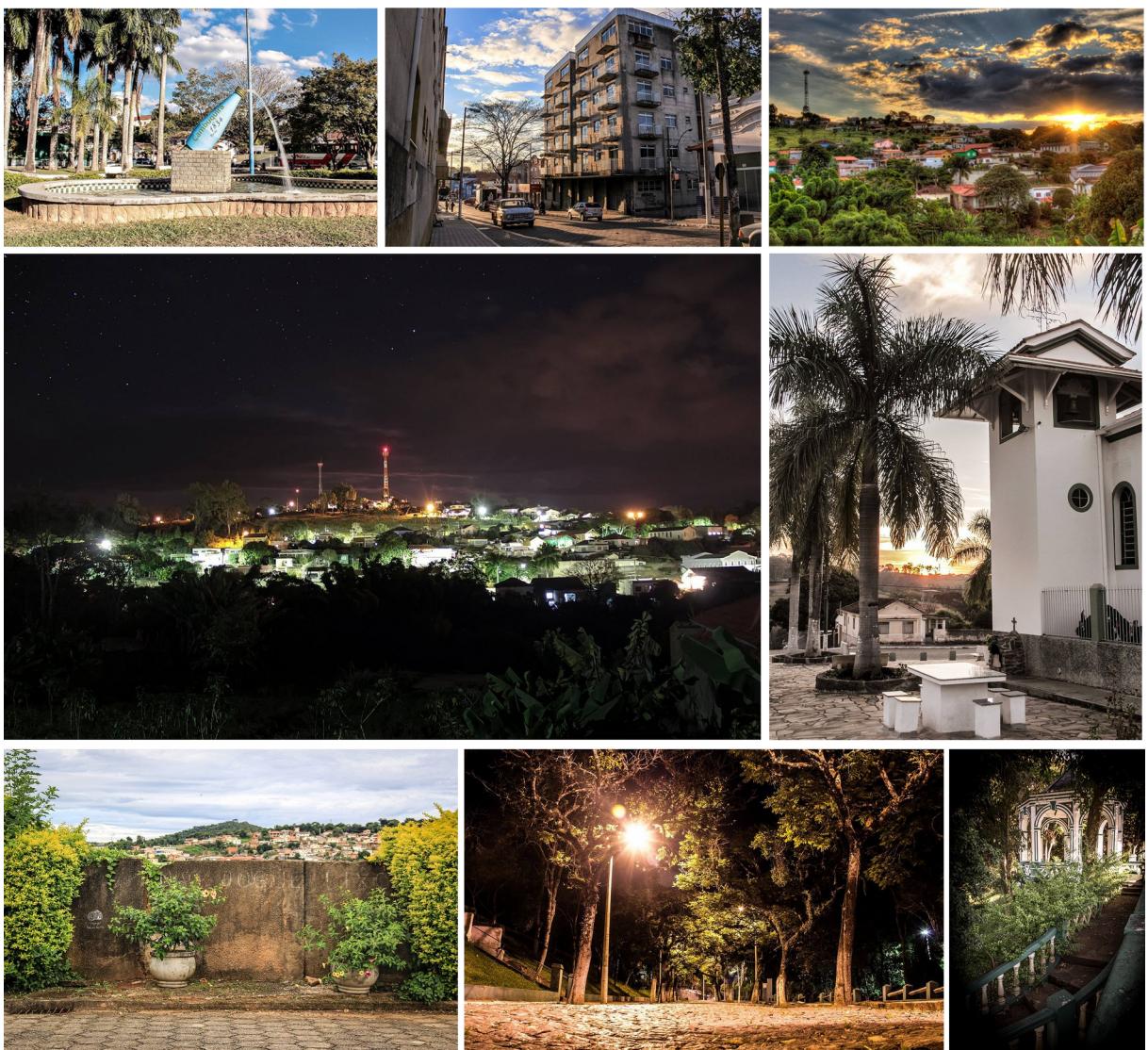


Imagen 30-37: Fotos de referência: detalhes. Cambuquira. Autor: Marcelo Britto. Fotografias, 2015.

Figura 11: Fotografias de referência para concepção do cenário de lara.

A cidade de lara

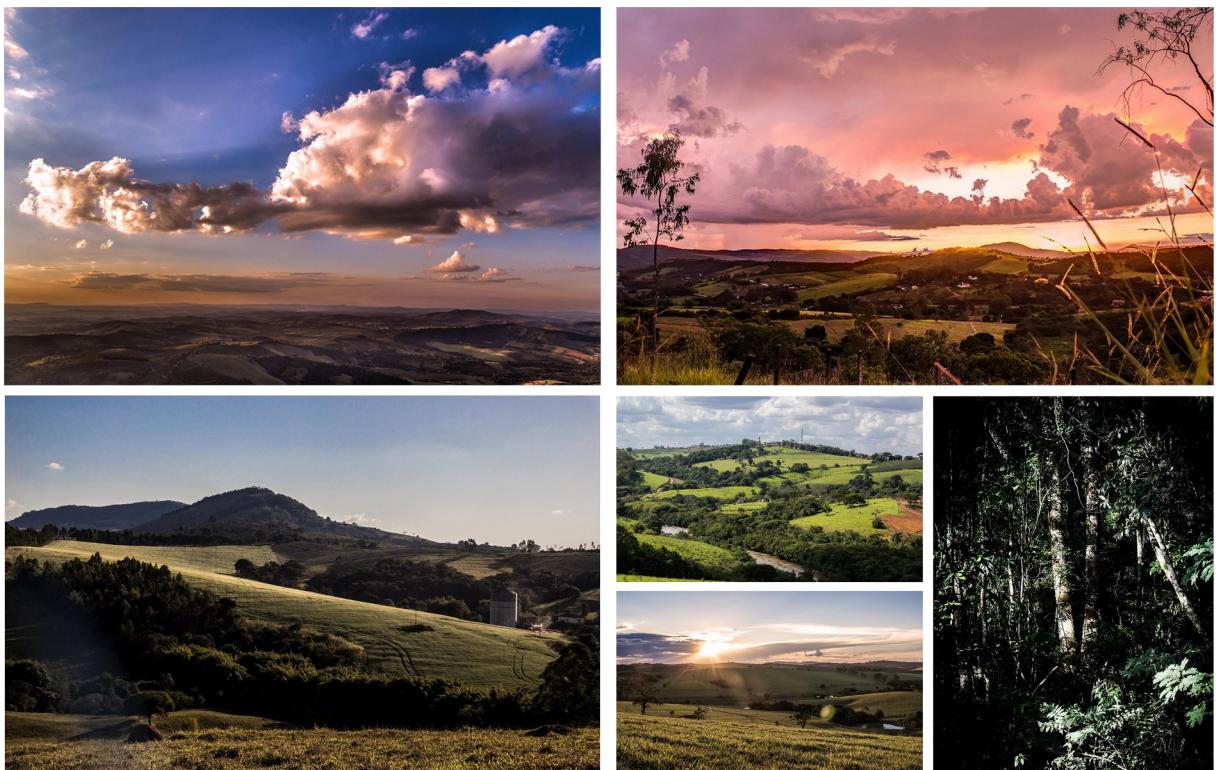


Imagen 38-43: Fotos de referência: paisagem natural. Cambuquira. Autor: Marcelo Britto. Fotografias, 2015.



Imagen 44-47: Fotos de referência: parque das águas. Cambuquira. Autor: Marcelo Britto. Fotografias, 2015.



Imagen 48, 49 e 50: Fotos de referência: pessoas na rua. Cambuquira. Autor: Marcelo Britto. Fotografias, 2015.

Figura 12: Fotografias de referência para concepção do cenário de lara.

Bar/restaurante e casa de Cibele



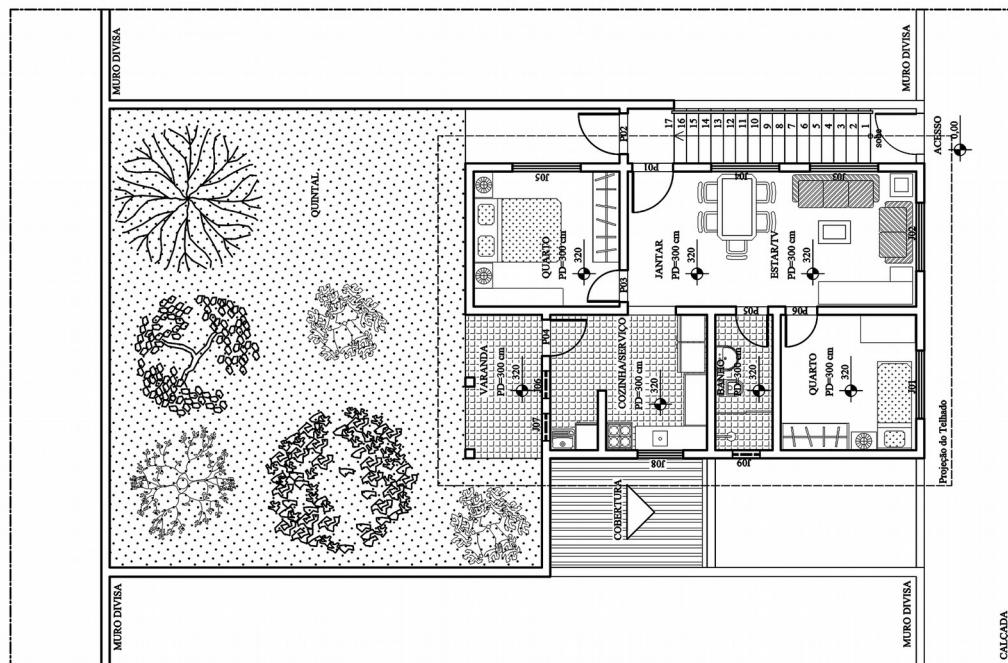
Imagen 51: Fachada. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.



Imagen 52: Quarto de Cibele. Autor: Gabriel Souza. Pintura digital, 2015.

Figura 13: O bar/restaurante e casa de Cibele.

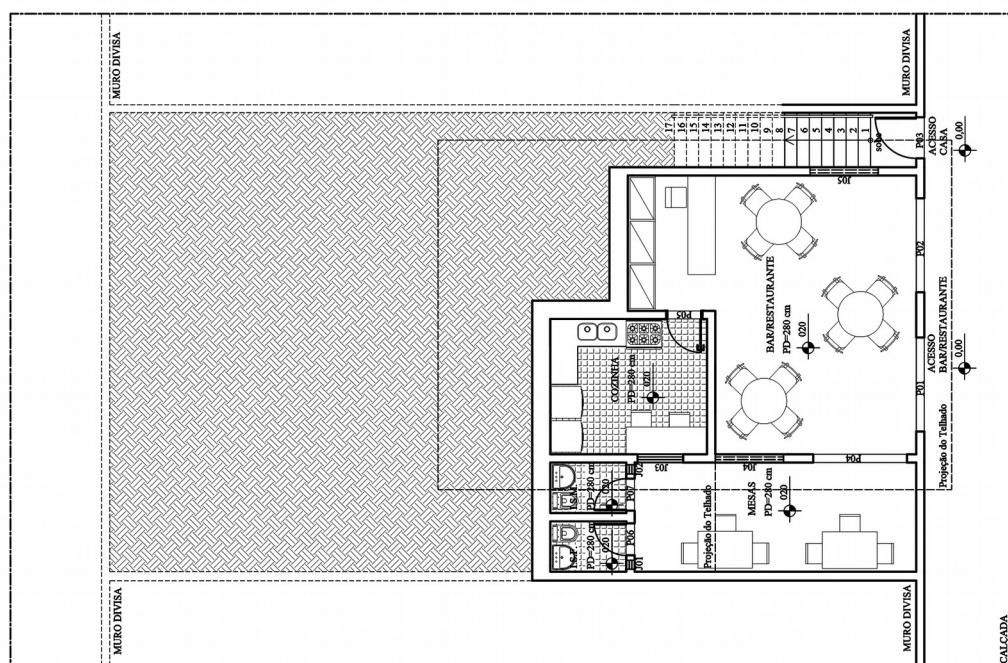
Bar/restaurante e casa de Cibele



PLANTA LAYOUT – PAVIMENTO SUPERIOR

0 1 5 10m

ESCALA GRÁFICA



PLANTA LAYOUT – PAVIMENTO TÉRREO

0 1 5 10m

ESCALA GRÁFICA

Imagen 08: Projeto. Autor: Gabriel Souza. Projeto CAD, 2015.

Figura 14: O bar/restaurante e casa de Cibele. Projeto.

Concepção da linguagem audiovisual

Utilizaremos técnicas de animação tradicional 2D, digital e analógica, e de rotoscopia na confecção do filme. Salientamos que rotoscopia é, por definição, uma técnica de animação que faz uso de referências filmadas para animação. Portanto, realizaremos registros em *live action*, em estúdio e *in loco*, a fim de produzir o material necessário para rotoscopia. Necessariamente, a técnica implicará maior verossimilhança com a realidade - quando comparada com a animação tradicional -, conquanto traz recursos de linguagem que nos interessa. De modo breve, escolheremos atores que corresponderão com o perfil desejado para os personagens da trama, realizaremos registros em *live action* de algumas das cenas e, posteriormente, transferiremos os *frames* para um *software* de animação, onde desenharemos a animação final.

As sequências que retratam os “dias atuais” serão em rotoscopia e o “passado” em animação tradicional. A transição entre as duas técnicas ocorrerá pela fotografia. Não descartamos utilizar métodos de rotoscopia para as cenas animadas tradicionalmente e vice-versa. Hora ou outra será necessário o recurso de animação em 3D, que recorreremos quando houver elementos complexos em cena: difíceis de serem feitos em animação 2D. Efeitos serão usados para representarmos a água, o fogo e outras ocorrências naturais.

Os cenários serão todos inspirados em ambientes reais (urbano e rural) existentes em Cambuquira e, inclusive, os registros em *live action*, necessários para rotoscopia, serão filmados em locações da cidade. Basearemos, desta maneira, a estética do filme no local que serviu de alicerce.

Privilegiaremos a pintura em aquarela, analógica e digital, com presença demarcada da linha nos cenários. Texturas (pastel seco e oleoso, lápis de cor, tinta a óleo...) poderão ser usadas para colorir os personagens, a fim de criar contraste com os cenários. A paleta de cor será em tonalidade mais baixa (suave) e, do início para o fim do filme, transitará da predominância de cores frias para cores quentes.

O ponto de vista (POV) da câmera igual ao do personagem será usada em alguns trechos. Já destacamos que Cibele é a narradora filmica, portanto, a câmera, em

partes específicas, se posicionará igual ao ponto de vista da personagem. Quando criança, algumas das cenas são vistas como se pelos seus olhos, não necessariamente em POV, porém em posicionamento mais baixo (próximo de um *contra-plongée*), na altura nos olhos da menina Cibele. Tal procedimento estilístico não será utilizado nos momentos em que Elza estiver sozinha na fazenda, quando velha, porque Cibele não presenciou tais momentos. Retrataremos tais passagens de modo menos naturalista: com iluminação destacada e pontual, cortes mais abruptos, planos distorcidos, paleta de cores mais inverossímeis com a realidade, profundidade de campo menos nítida... Por último, recorreremos aos planos médios/fechados quando mostrarmos Cibele e médios/abertos para Elza/lara e Pedro.

De modo mais generalista, os enquadramentos transitarão do específico ao geral ao longo do filme. Nas cenas iniciais, serão privilegiados planos mais fechados que, com o desenvolvimento da história, irão se abrir e, assim, teremos predominância de planos abertos. Literalmente, conseguiremos ver “mais” dos cenários e personagens. A cena final, sugestivamente, simula o que se deu progressivamente ao longo da história: um *zoom out* revela a fotografia velha, agora posta num porta-retratos novo.

Complementarmente, relembrando o conceito do épico e do lírico, utilizaremos planos médio/fechado em cenas que revelarão a particularidade de algum dos personagens (o lírico) e médio/aberto naqueles gerais, que demonstrarão assuntos comuns para todos (o épico).

A montagem será dinâmica, quase que didática, quando demonstrarmos amplos recortes temporais: como, por exemplo, no período em que o grupo se estabelece na fazenda e Elza/lara fica grávida. Outrora, a montagem será mais progressiva, quando não houver um recorte temporal muito grande. Os planos se desdobrarão de acordo com o progresso dos elementos que serão dados em cena, ou seja, uma ou outra situação amarra com a seguinte, como uma costura. Exemplificando, Cibele encontra a fotografia e relembra o passado, a foto faz Cibele narrar os acontecimentos que permeiam a fundação da cidade e “traz” o passado, em imagens e sons, consecutivamente. A montagem será análoga ao desenvolvimento

conflitivo cênico e a diferenciação, momento lenta ou rápida, simulará a continuidade ou descontinuidade temporal.

O som segue a linha documental nos trechos que se passam no “presente”, assim, ao efetuarmos os registros em *live action*, necessários para rotoscopia, capturaremos o som direto e definitivo das cenas. Já as partes que ocorrem no “passado”, recorreremos à sonoplastia e acentuaremos elementos dos planos. A sonoplastia será gravada em ambientes reais, portanto, será naturalista e não simulada em estúdio. “Recortaremos” do material total sons de interesse.

Para música sugerimos como referência sonoridades análogas às bandas marciais¹³, com predominância de metais e instrumentos de percussão, ritmo forte e bem demarcado. Serão necessários dois tipos de sons: a música literal e música de sonoplastia. A segunda será utilizada para acentuar elementos nas cenas.

A conceito geral da música deverá ser pautada pela ideia de água: profunda, superficial e atmosférica. Salientamos, que a sonoridade da água, diante o ciclo hidrológico, é rítmica: o borbulhar das águas profundas, o “rebater” das superficiais em fluidez (contra rochedos, pelo transcorrer dos rios...), o som da chuva quando a água cai da atmosfera... Comparativamente, podemos citar o CD *Águas da Amazônia* (1999): trabalho conjunto de Philip Glass com o Grupo Uakti.

Os personagens serão animados seguindo o ânimo predominante de cada um: Cibele é uma personagem agitada e sanguínea, fala bastante e não consegue ficar muito tempo parada; Pedro, cujo nome está associado à palavra pedra, ou seja, sólido, duro como ferro, apresenta características mais “pesadas” e é quieto, contemplativo, de temperamento melancólico; Elza/lara tem personalidade que dialoga com temperamento fleumático e age praticamente como uma mãe, principalmente em relação à Cibele, demonstrando preocupação, compreensividade e compaixão.

13 Muito comuns no interior de Minas Gerais e do Brasil, presente em desfiles e atividades festivas.

Referência de linguagem

Valsa com Bashir

De gênero híbrido, considerado como animação/documentário, dialoga tecnicamente com nossa proposta, já que foi confeccionado a partir da técnica de animação em rotoscopia. As cenas, provenientes da rotoscopia, foram filmadas em estúdio e a animação realizada digitalmente depois. Nesse processo, foi capturado o som direto de alguns planos: como nos trechos que retratam entrevistas realizadas pelo protagonista.

“Um documentário. Uma animação. Uma história em quadrinho. Uma narrativa autobiográfica. A história contada em Valsa com Bashir utiliza-se de diversos instrumentos e recursos para reconstruir e recuperar a memória do massacre de Sabra e Chatila durante a invasão do Líbano por Israel, em 1982. Mais do que um retrato de um importante acontecimento histórico, uma investigação ou uma narrativa expositiva, o autor Ariel Folman optou por expressar seu ponto de vista e sua própria experiência nesse acontecimento.”¹⁴

No filme, existem cenas que perpassam entre o passado e presente. Existe uma diferenciação estética para representação dos dois momentos, salientada pelas imagens de entrevista (presente) e da guerra (passado): as primeiras são mais realistas e com cores sóbrias, as segundas surreais e predominam as cores quentes, luzes fortes, densas.

O Mágico

Tendo em vista o conceito estético e de animação podemos citar o filme *L'illusionniste* (França/Reino Unido, 2010), de Sylvain Chomet, uma obra análoga ao que buscamos. Vale citar os cenários, pintados com recursos de aquarela digital e com presença demarcada da linha de contorno, além das animações naturalistas e fluidas.

Tio Boonmee que Pode Recordar Suas Vidas Passadas

14 http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada/pablo_goncalo.pdf, acessado em 27/04/2015.

O filme tailandês de Apichatpong Weerasethakul, lançado em 2010, providencia um universo particular cinematográfico: os acontecimentos, a estética, a paisagem, a fantasia, os fantasmas... São algumas dessas ocorrências que buscamos e, apesar de o filme ser em *live action*, vemos elementos que podem ser apropriados para nosso caso (outros já são análogos), só que na roupagem da animação: podemos citar, principalmente, o tratamento dado ao tema diante do universo proposto.

"Tio Boonmee, Que Pode Recordar Suas Vidas Passadas abre com um plano simbólico, quase semiótico: uma vaca tentando desprender-se de uma árvore a qual se encontra amarrada. A cena sintetiza toda a ideia de vida (de viver) que está presente no filme (como em toda a obra de Apichatpong): a vontade de ver-se livre de amarras, de descolar-se de um passado para viver o presente, de reaver/recordar as coisas passadas para viver e morrer plenamente. Depois de muito lutar, a vaca consegue soltar-se, desprender-se de uma não-vida. Metaforicamente, a vaca é a morte que invade a vida, invade a vida terrena do *Tio Boonmee* (que sofre de insuficiência renal e está passando seus “últimos dias” próximo da natureza, essa nossa estranha), talvez para lhe buscar ou talvez para lhe mostrar um caminho possível rumo ao fim da vida. Não vemos o encontro esperado entre os dois, mas sabemos se tratar de um plano inevitável, inadiável. Ou seja, ele vai acontecer mesmo que não seja mostrado (ou visto, pois pode ser invisível) – só não se sabe quando, se na vida ou na morte -, mesmo que o olho da câmera não o abarque. *Tio Boonmee* (o filme) busca na analogia destas duas vertentes encontrar um lugar comum. Trata-se de relacionar seres físicos a seres não físicos, de mensurar as possibilidades de encontro entre eles para então dimensioná-los num só mundo. A vida e a morte, estes universos tão distantes, são um só.”¹⁵

Lavoura Arcaica

Dirigido por Luiz Fernando Carvalho, o longa é brasileiro e foi lançado em 2001. Retratando um período histórico e uma paisagem similar a alguns trechos de nosso

15 <http://tudoecritica.com.br/?p=422>, acessado em 29/04/2015.

argumento, passagens que transcorrem no “passado”, interessamos enquanto referência para concepção das cenografias e figurinos.

Tzara

Os cenários de *Tzara* (2015), animação realizada pelo autor, foram concebidos aplicando técnicas de pintura em aquarela analógica e digital, com presença determinante da linha. Neste projeto, idealizamos cenários confeccionados sobre o mesmo norte.

Valsa com Bashir



Imagen 54-59: *Vals im Bashir*, Dir. Ari Folman, Israel/França, 2008, 90 min.

Fonte: Google imagens (acessado em 12/05/2015)

Figura 15: Imagens do filme *Valsa com Bashir*.

O mágico



Imagen 60-65: *L'illusionniste*, Dir. Sylvain Chomet, França/Reino Unido, 2010, 77 min.

Fonte: Google imagens (acessado em 12/05/2015)

Figura 16: Imagens do filme *O Mágico*.

Tio Boonmee que Pode Recordar Suas Vidas Passadas



Imagen 61-66: *Lung Boonmee raluek chat*, Dir. Apichatpong Weerasethakul, Tailândia, 2010, 114 min.

Fonte: Google imagens (acessado em 12/05/2015)

Figura 17: Imagens do filme *Tio Bonmee que Pode Recordar Suas Vidas Passadas*.

Lavoura Arcaica



Imagen 67-71: *Lavoura Arcaica*, Dir. Luiz Fernando Carvalho, Brasil, 2001, 163 min.
Fonte: Google imagens (acessado em 12/05/2015)

Figura 18: Imagens do filme *Lavoura Arcaica*.

Tzara

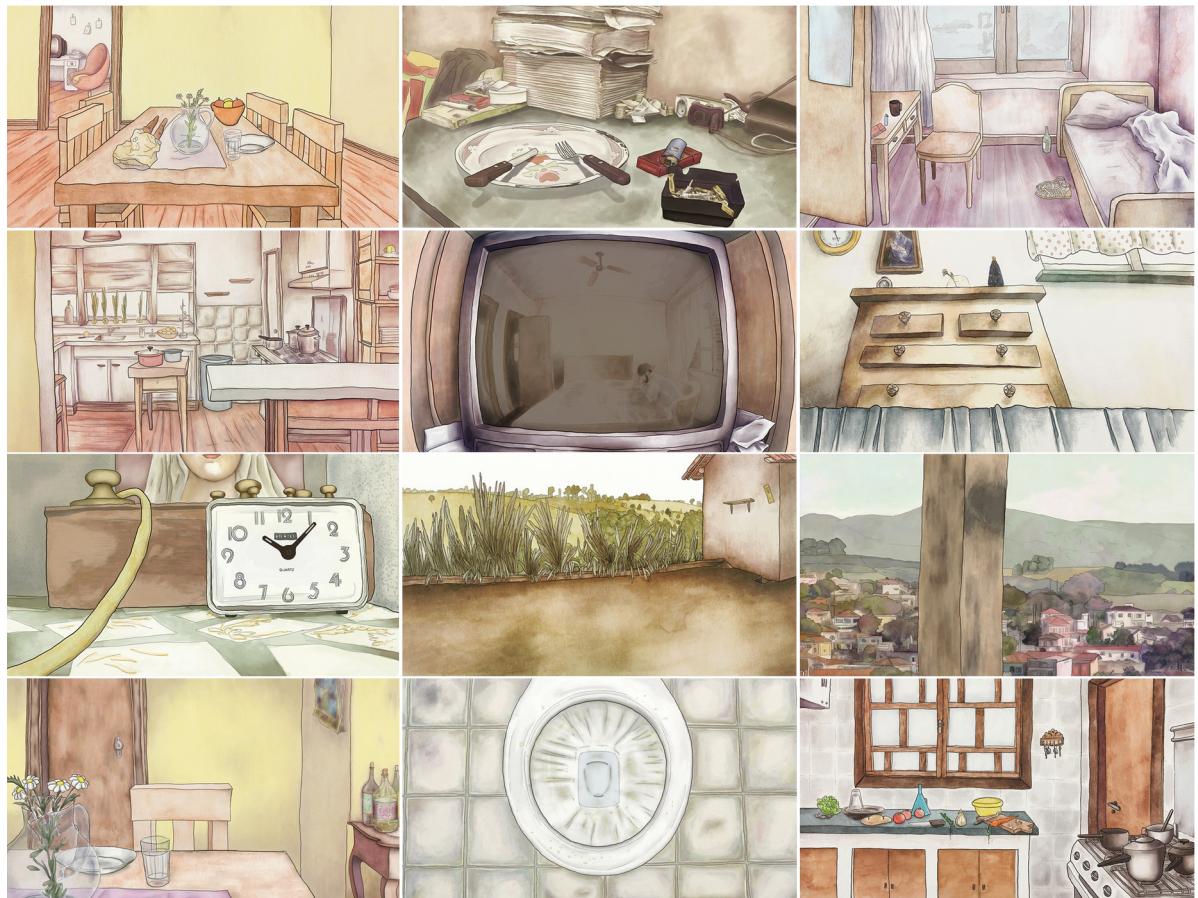


Imagen 72-83: *Tzara*, Dir. Gabriel Souza, Brasil, 2015, 6 min.
Fonte: Produzido pelo autor.

Figura 19: Imagens do filme *Tzara*.

Considerações finais

Buscamos apresentar com este trabalho nossa produção e, paralelamente, elaboramos um estudo para o filme. Enquanto processo, serviu de acréscimo para formação, não só acadêmica/profissional, mas também pessoal.

O texto guiará as decisões a serem tomadas na pré-produção e, depois, na produção e pós-produção cinematográfica. Em sequência, escreveremos/desenvolveremos a escaleta e o roteiro. Para isso, além do argumento, esboçamos a estrutura que, de certa maneira, funciona como uma pré-escaleta.

Relacionados os materiais aqui presentes, temos figurada a intenção geral da trama: sabemos como são os personagens principais, os cenários aonde a história sucederá e de que maneira sugerimos que ela aconteça visual e sonoramente. A abordagem transcreve elementos que deverão estar implicitamente inseridos no roteiro.

Parte dos textos desenvolvidos poderão ser compilados num projeto, a fim de adquirirmos recursos para produção: suscetível a ser enviado para editais de fomento audiovisual e/ou apresentação para eventuais financiadores.

Por fim, o objetivo maior é a realização cinematográfica, assim, este estudo, fica como fragmento de um corpo maior: que só poderá estar íntegro quando tivermos o filme pronto.

Referências bibliográficas

- AUMONT, Jaqcques (et al.) *A estética do filme*. Campinas, SP, Papirus, 1995.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, Thomé; BRANDÃO, Manoel. *Cambuquira estância hidro-mineral e climática*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- COSTA, Antônio. *Compreender o cinema*. São Paulo: Globo, 1989.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.
- FIELD, Syd. *Manual do Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. Tradução de Álvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- FOSTER, Hal. *O Retorno do Real*. In: *Concinnitas* n.8. Rio de Janeiro: PPAV/Instituto das Artes, UERJ, 2005.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de publicações técnico-científicas*. 7 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- GUATARRI, Felix. *Restauração da cidade subjetiva*. In: *Caosmose, um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HERZOG, Werner. *Fitzcarraldo*. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MARQUEZ, Gabriel Garcia [et al.]. *Oficina de roteiro de Gabriel Garcia Marquez: como contar um conto*. Niterói, Casa Jorge Editorial, 1997.
- MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SOUZA, Carla Monteiro. *Memória e oralidade: entre o individual e o social*. Histórica, Porto Alegre, n. 6, 2002.
- XAVIER, Ismail (Org.). *A experiência do cinema: Antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983.
- WATTS, Harris. *Direção de câmera*. São Paulo, Summus, 1999.

Recursos online

ANAYA PRODUÇÕES. Nimuendaju. Disponível em: <<http://filmenimuendaju.blogspot.com.br/>> Acesso em 23/01/2015.

BARTHES, Roland. Mitologias. Disponível em:
<<http://www.producaomultimidia.com.br/downloads/BARTHES-Roland-Mitologias.pdf>> Acesso em 03/02/2015.

GOMES, Pedro Henrique. Tio Boonmee, que pode recordar suas vidas passadas. Disponível em:
<<http://tudoecritica.com.br/?p=422>> Acesso em 29/04/2015.

GONÇALO, Pablo. Valsa com Bashir: experiência, memória e guerra. Disponível em:
<http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada/pablo_goncalo.pdf> Acesso em 27/04/2015.

IBGE. Diretoria de pesquisas, coordenação de população e indicadores sociais. Disponível em:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=311070>> Acesso em 25/02/2015.

IMDB. Lavoura arcaica. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0241663/?ref_=fn_al_tt_1> Acesso em 07/05/2015.

IMDB. O mágico. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0775489/?ref_=fn_al_tt_1> Acesso em 01/05/2015.

IMDB. Tio Boonmee, que pode recordar suas vidas passadas. Disponível em:
<http://www.imdb.com/title/tt1588895/?ref_=fn_al_tt_1> Acesso em 03/05/2015.

IMDB. Valsa com Bashir. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt1185616/>> Acesso em 12/05/2015.

MADJAROF, Rosana. Mito, rito e religião. Disponível em:
<<http://www.mundodosfilosofos.com.br/mito.htm>> Acesso em 12/01/2015.

PICOLI, Bruno. Memória, história e oralidade. Disponível em:
<http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume1/dossie_brasil-colonia/artigos/MNEMOSINE-REVISTA_BRASIL-COLONIA-VOL1-N1-JAN-JUN-2010-MemoriaHistoriaEOralidade.pdf> Acesso em 23/01/2015.

SILVA, Marcel Pereira. De gado a café: as estradas de ferro no sul de minas gerais. Disponível em:<http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Marcel_Silva_1.pdf> Acesso em 05/03/2015.

SOUZA, Alice Costa. Imagens de memória/esquecimento na contemporaneidade. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-8TBNSJ/disserta_o_alice_costa_souza.pdf?sequence=1> Acesso em 18/04/2015.

SOUZA, Maria I. D. S. A música no documentário: um estudo sobre “Valsa com Bashir”. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/download/397/248>> Acesso em 08/05/2015.

VILELA, Elaine M. Sírios e Libaneses. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n76/09.pdf>> Acesso em 27/02/2015.

WIKIPÉDIA. Ciclo hidrológico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_hidrol%C3%B3gico> Acesso em 03/02/2015.

WIKIPÉDIA. Mito fundador. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mito_fundador> Acesso em 12/01/2015.

WIKIPÉDIA. Serpente. Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Serpente_\(simbologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Serpente_(simbologia))> Acesso em 14/01/2015.

Filmografia

Lavoura Arcaica, direção Luiz Fernando Carvalho, Brasil, 2001, 163 min.

Lung Boonmee raluek chat, direção Apichatpong Weerasethakul, Tailândia, 2010, 114 min.

L'illusionniste, direção Sylvain Chomet, França/Reino Unido, 2010, 77 min.

Tzara, direção Gabriel Souza, Brasil, 2015, 6 min.

Vals im Bashir, direção Ari Folman, Israel/França, 2008, 90 min.